

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS (IFITEG)  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

ANTONIEL SOUZA BRAGA

**UM CHAMADO À PERSEVERANÇA DOS SANTOS NO APOCALIPSE DE SÃO  
JOÃO A PARTIR DA PERÍCOPE 2,1-3,21**

Goiânia – GO  
2022

ANTONIEL SOUZA BRAGA

**UM CHAMADO À PERSEVERANÇA DOS SANTOS NO APOCALIPSE DE SÃO  
JOÃO A PARTIR DA PERÍCOPE 2,1-3,21**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), como requisito final para obtenção do título de bacharel em teologia.

Orientador: Ms. Pe. João Paulo Sousa Santos, C.SS.R.

Goiânia – GO  
2022

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Data: 22/06/2022

Horário:

Local: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás – IFITEG.

Acadêmico: Antoniel Souza Braga

Título: Um chamado à perseverança dos santos no Apocalipse de São João a partir da perícopes 2,1-3,21

Nota: \_\_\_\_\_

---

Antoniel Souza Braga

---

Ms. Pe. João Paulo Sousa Santos

---

Ms. Frei Fernando Inácio Peixoto de Castro

---

Prof. Mariosan de Sousa Marques

---

Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto  
Coordenador do Curso de Teologia  
Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás

Dedico este trabalho à todas as pessoas que procuram na Sagrada Escritura, um sentido para iluminar a vida e para aquelas que tem receio de ler Apocalipse de São João, para que o vejam como um chamado a perseverança dos santos, uma epopeia da esperança cristã.

## AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade pelo dom da minha vida.  
À minha família consanguínea, que sempre reza por mim e estão ao meu lado: Arilene, Antônio, Marcione, Geane e Gilberto.

À Congregação do Santíssimo Redentor que acredita na minha vocação e investe em nossos estudos.

À minha comunidade religiosa, Beato Gaspar Stanggassinger, na pessoa do formador e confrade, Pe. Antônio Ranis, pela vivência fraterna e por sempre incentivar a dedicação nos estudos teológicos.

Ao meu orientador, Ms. Pe. João Paulo Santos, que aceitou a orientação desta pesquisa e aos leitores, Ms. Frei Fernando Peixoto e Ms. Mariosan Sousa, que acolheram positivamente o pedido para a avaliação deste trabalho.

Obrigado!

“O Apocalipse é um livro de esperança! [...] É a resposta de Deus a um povo que sofre a perseguição e, apesar disso, se mantém fiel, resiste, denuncia, persevera, celebra, canta e espera na certeza de que um novo tempo irá chegar” (ROSSI E PERONDI, 2021, p. 6).

“Perseverança [...] é a virtude que permite às pessoas permanecer fiéis até o fim, mesmo que os últimos dias do mundo sejam caracterizados por terríveis tribulações e angústias para os justos” (PERKINS, 2013, p. 358).

## RESUMO

BRAGA, Antoniel Souza. *Um chamado à perseverança dos santos no Apocalipse de São João a partir da perícope 2,1-3,21*. Trabalho de conclusão (Curso de Teologia) – Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), Goiânia, 2022.

A palavra “Apocalipse” (*Αποκάλυψις*) vem do verbo grego “*apo-kalypto*” e significa “revelar”, remover o véu ou mais precisamente revelar o oculto. Do ponto de vista religioso, retirar o véu corresponde a explorar a possibilidade e a oportunidade de conhecer e compreender o plano de Deus para a história, através da ligação que tem conosco, com a nossa consciência, com a nossa responsabilidade de cristãos em realizar e difundir o Reino de Deus. É isso o que o livro do Apocalipse de São João aborda. Mas para sermos protagonistas na compreensão e anúncio do Reino de Deus é necessária uma virtude bem singular: a perseverança. Foi pela perseverança na fé em Jesus, o Cristo, o Vivente, que os cristãos viveram os ensinamentos de Jesus, denunciaram, lutaram, sofreram contra o império romano e superaram as inúmeras dificuldades de perseguições e opressões nos primeiros séculos da nossa era. Isso é bem evidente na perícope 2,1-3,21 do Apocalipse de São João, na qual as cartas às sete igrejas, nos impulsionam a perseverar na fé. E esta virtude ainda continua sendo importantíssima para os tempos hodiernos, pois ainda há impérios, não como o romano, mas que assolam e oprimem as pessoas com o seu modo de ser e agir. Assim os cristãos, os santos, os filhos de Deus, são chamados a perseverar, pois é assim que ganha a coroa da vida e se Jesus venceu, os que são chamados a perseverar n’Ele, também, vencerão.

**Palavras-chave:** Apocalipse, perseverança, cristãos.

## ABSTRACT

BRAGA, Antoniel Souza. *A call to the perseverance of the saints in the Apocalypse of Saint John from the pericope 2,1-3,21*. Completion work (Theology Course) – Institute of Philosophy and Theology of Goiás (IFITEG), Goiânia, 2022.

The word “Apocalypse” (*Αποκάλυψις*) comes from the Greek verb “*apo-kalypto*” and means “to reveal”, removes or more precisely to reveal the hidden. From a religious point of view, removing the veil corresponds to knowing and understanding God's plan for history, through the connection it has with us, with our conscience, with our responsibility to realize and spread the Kingdom of God. This is what the book of Revelation of St. John addresses. But in order to be protagonists in understanding and proclaiming the Kingdom of God, a very unique virtue is needed: perseverance. It was Jesus, in Jesus, what the Christ lived, the teachings of Jesus, that the centuries of persecution and oppressions lived, against the first centuries of our Roman persecution This is very evident in pericope 2,1-3,21 of the Apocalypse of Saint John, in which the letters to the seven churches, impelled us to persevere in the faith. And this virtue is still important for modern times, because there are still empires, not like the Roman one, but that devastate and oppress people with their way of being and acting. So the vain, the saints, the children of God, are called to persevere, because that is how the crown of life wins and if Jesus won, those who are called to persevere in Him will win..

**Keywords:** Apocalypse, perseverance, Christians.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>1</b>	<b>PERSEVERANÇA NO LIVRO DE APOCALIPSE: PERSPECTIVA DE PARTIDA</b>	<b>16</b>
1.1	APOCALIPSE: UM GÊNERO LITERÁRIO SINGULAR E DE TANTOS EQUÍVOCOS	16
1.1.1	<b>Autoria e época de composição</b>	<b>21</b>
1.1.2	<b>Apocalipse e profecia</b>	<b>24</b>
1.1.3	<b>Uma eclesiologia cristocêntrica</b>	<b>26</b>
1.2	A TERMINOLOGIA E O CAMPO SEMÂNTICO DA PERSEVERANÇA	27
1.3	CONTEXTO HISTÓRICO EM QUE SE INSERE	28
1.4	AS IGREJAS DA ÁSIA COMO CHAVE DE LEITURA PARA O APOCALIPSE	31
<b>2</b>	<b>ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE TEXTOS EXEMPLARES</b>	<b>35</b>
2.1	A IGREJA DE ÉFESO E OS DOIS PERIGOS EMINENTES: OS FALSOS APÓSTOLOS E A PERDA DO PRIMEIRO AMOR	37
2.2	A IGREJA DE ESMIRNA E A TRIBULAÇÃO	40
2.3	A IGREJA DE PÉRGAMO E A AMEAÇA DO SINCRETISMO	43
2.4	A IGREJA DE TIATIRA: O RISCO DAS FALSAS DOUTRINAS E DESVIOS MORAIS	46
2.5	A IGREJA DE SARDES E O RISCO DE UMA RELIGIÃO DE APARÊNCIAS	49
2.6	A IGREJA DE FILADÉLFIA E A PERSEVERANÇA NO SOFRIMENTO	51
2.7	A IGREJA DE LAODICÉIA E O RISCO DA AUTOSSUFICIÊNCIA E DA TIBIEZA	54
2.8	AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE E A IGREJA EM TEMPOS HODIERNOS	57
<b>3</b>	<b>CRER EM TEMPOS DE DIFICULDADES</b>	<b>59</b>
3.1	CONSEQUÊNCIA ECLESIOLÓGICA DA PERSEVERANÇA	60

3.2	PERSPECTIVAS DE ATUALIZAÇÃO: ENCORAJAMENTO E ESPERANÇA	65
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>70</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

A apocalíptica, especialmente o livro do Apocalipse, é uma temática que não se vê com recorrência nos trabalhos da academia teológica. Isso se deve às dificuldades de leitura e interpretação; às vezes, também por não ter professores especializados no assunto e, claro, aos preconceitos em torno do livro, com a ideia de que mostra catástrofes, fim do mundo, coisas futurísticas e outros.

Assim, tendo em vista o desespero e ansiedade que as pessoas vivem por não conhecer a literatura apocalíptica, especialmente o livro do Apocalipse. Tal postura se pauta nos ditos e interpretações errôneas de grupos e pessoas que têm uma visão distorcida e descontextualizada do livro e desse gênero literário. Para tanto, analisando como o livro reverbera em nossas vidas, é que propomos o estudo deste tema, com vista ao auxílio das pessoas em geral, e principalmente dos cristãos que queiram conhecer mais sobre o assunto, para que vivam a vida presente não com desespero e ansiedade, mas com esperança, perseverança e comprometimento com a realidade, dando, assim, um testemunho de fé.

Além disso, o interesse nessa pesquisa é fruto de inquietações pessoais, oriundas de debates no ambiente acadêmico da teologia e da escuta de pessoas que veem o livro do Apocalipse como uma literatura futurista e tenebrosa. Também, é importante ressaltar que este trabalho possui uma relevância eclesiológica formidável, já que reflete questões peculiares da fé cristã: testemunho, perseverança, esperança, cristologia e escatologia.

Levando em consideração a relevância e motivação, urge buscar uma chave de leitura que permita ler este belíssimo livro, com elementos que garantam sua leitura coesa e sem fundamentalismos, já que,

O Apocalipse promete e sugere uma resposta, uma mensagem “religiosa”, em contato direto com os fatos da história. Seguindo o exemplo de Cristo, ele nos ensina a viver e caminhar imersos, espiritual e responsavelmente, nas veias do tempo. Também nos mostra outra perspectiva sobre nossa

experiência religiosa e humana. Todos tendemos sempre para um melhor, um “mais”, mesmo quando estamos serenos e felizes<sup>1</sup> (VANNI, 2009, p. 7).

Este último livro da Bíblia, assegura que a história é conduzida por Deus por meio de Cristo e que, graças à sua presença, progride peregrinando rumo à Nova Jerusalém. Ele nos mostra que devemos nos comprometer com a história, com nossa realidade, por isso é “uma mensagem não para ‘informar’ mas para ‘compreender’ a história e ‘agir’”<sup>2</sup> (VANNI, 2009, p. 22).

Diante da riqueza do Apocalipse, Harrington (1985, p. 621), afirma que é “um dos mais fascinantes livros do Novo Testamento; e ainda que sua forma literária nos seja estranha e algumas partes dele permaneçam obscuras, o livro em si mesmo pode se tornar inteligível ao leitor moderno”. E é esse o nosso objetivo aqui. Tornar esse livro acessível, inteligível e mostrá-lo como um grande tesouro para nossa vida de fé a cada pessoa nos tempos hodiernos. E isso nós o faremos tendo com chave de leitura as cartas às sete igrejas, vendo nelas o chamado à perseverança dos santos.

Assim nós poderemos entendê-lo. E é só estando inserido na sua realidade que o compreenderemos, porque

É certo que o livro do Apocalipse foi escrito para não ser entendido pelos de fora. Para isso, o autor faz uso de muitos sinais, símbolos, números, animais, códigos, órgãos do corpo, elementos do universo e utiliza datas, locais e pessoas do passado. O povo das comunidades conhecia toda essa linguagem. O próprio nome ‘Apocalipse’ é uma palavra grega que significa ‘revelação’. Por isso, o Apocalipse é uma revelação, da parte de Deus, de algo que está oculto e que não pode ser compreendido por aqueles que não conhecem a mensagem cristã” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 5).

---

<sup>1</sup> *L'Apocalisse promette e suggerisce una risposta, un messaggio «religioso», in presa diretta con i fatti della storia. Sull'e- sempio di Cristo, ci insegna a vivere e a camminare immersi, spiritualmente e re- sponsabilmente, nelle vene del tempo. Ci indica anche un'altra prospettiva, sulla nostra esperienza religiosa e umana. Tutti noi tendiamo sempre a un meglio, a un «di più», anche quando siamo sereni e felici* (tradução livre).

<sup>2</sup> *Un messaggio non per «informare» ma per «capire» la storia e «agire»* (tradução livre).

Logo, é nítido que precisamos saber de alguns pressupostos, como, por exemplo, o porquê de o livro do Apocalipse levar esse nome. Biguzzi (2005, p. 416), elucida o seguinte:

*Apokalypsis*, a primeira palavra do livro de João de Patmos, que desde o século II d.C. deu o nome ao livro e depois no século 19 para todo um gênero literário (+ 'Apocalíptico, literatura'), é traduzido para nossos idiomas de duas maneiras: 416 Léxico bíblico-teológico 'Apocalipse' (cf. a versão das línguas Vulgata e Latina) e 'Revelação' (e línguas anglo-saxônicas). A primeira tradução, baseada no termo grego, é capaz de expressar o caráter hierático do livro, mas no uso não científico atual só evoca catástrofes e infortúnios na mente. A segunda tradução difere da grega, mas expressa bem o seu significado: em grego *apokalyptein* significa "tirar o véu que diz transmitir a revelação dada por Deus a Jesus e destinada aos seus servos, que provavelmente são os membros das Igrejas (mais do que seus profetas, como alguns entendem)<sup>3</sup>.

Tentaremos, assim, tirar o véu para aclarar a mensagem deste livro, especialmente no que tange à perseverança dos santos na perícopa 2,1-3,22, desmitificando sua visão e mostrar uma interpretação de acordo com o Magistério da Igreja e com os exegetas. Isto posto, para contribuir de algum modo com a vida de fé dos cristãos em tempos hodiernos.

A bibliografia que empregamos nessa pesquisa concede a base indispensável para bem desenvolver e fundamentar o tema a ser discorrido. Utilizamos a Sagrada Escritura (Bíblia de Jerusalém) e diversos estudiosos da Bíblia, como Phene Perkins (Comentário Bíblico III: Evangelho, Cartas e Apocalipse) e Adela Yarbro Collins (Apocalipse In. Novo Comentário Bíblico São Jeronimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos). Em maior frequência debruçamo-nos nos escritos do italiano Ugo Vanni, um grande pesquisador desta temática (Apocalipse: uma assembleia litúrgica interpreta a história; *Apocalisse, libro dela Rivelazione*:

---

<sup>3</sup> *Apokalypsis, la prima parola del libro di Giovanni di Patmos, che fin dal secolo II d.C. ha dato il nome al libro e poi nel secolo XIX a tutto un genere letterario (+ «Apocalittica, letteratura»), è tradotta nelle nostre lingue in due modi: 416 Lessico biblico-teologico « Apocalisse » (cfr. la versione della Vulgata e lingue latine) e « Rivelazione » (eh lingue anglosassoni). La prima traduzione, ricalco del termine greco, è in grado di esprimere il carattere ieratico del libro, ma nell'uso corrente non scientifico evoca alla mente soltanto catastrofi e sventure. La seconda traduzione si discosta dal greco, ma ne esprime bene il senso: in greco apokalyptein significa « togliere via il velo che co-dice di trasmettere la rivelazione data da Dio a Gesù e destinata ai suoi servi, che sono probabilmente i membri delle Chiese (più che i loro profeti, come qualcuno intende) (tradução livre).*

*esegesi bíblico-teológica e implicazioni pastorali; Apocalisse di Giovanni. Introduzione generale e commento*),

Recorremos ainda aos escritos de Carlos Mesters e Francisco Orfino (Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos) e Luiz Alexandre Solano Rossi e Ildo Perondi (Apocalipse: a força da resistência dos pobres). E não poderia faltar um escrito da Patrística; utilizamos a obra de Eusébio de Cesareia (História Eclesiástica).

Como aspecto metodológico, contemplamos três pontos: a) Pesquisa teórica: leitura da Bíblia (Apocalipse de São João), dos livros que abordam a temática do apocalipse e documentos da Igreja; b) Depois partimos para os fichamentos, a partir das leituras realizadas, em vista da redação dos capítulos do trabalho; c) E por fim, a redação dos três capítulos do trabalho, a saber: 1 – Perseverança no livro de Apocalipse: perspectiva de partida; 2 – Análise exegetico-teológica de textos exemplares; 3 – Crer em tempos de dificuldades.

Nessa sequência, pretendemos conceituar o gênero literário apocalíptico percorrendo sua compreensão no Antigo e no Novo Testamento e mostrar algumas de suas incompreensões. Apresentaremos o autoria e data de composição, a relação de apocalipse com profecia e elucidar sua eclesiologia cristocêntrica. Ainda no primeiro capítulo veremos o campo semântico da perseverança, elemento estruturador de nossa pesquisa e veremos como são as estruturas das cartas às sete igrejas e apreciar sua atualidade.

Também, queremos desenvolver uma hermenêutica a partir da perícopé citada acima, expondo uma reflexão sobre o chamado a perseverança dos santos. Este será o segundo capítulo, e é o que terá mais páginas, visto que requer um esforço maior. Analisaremos exegetica e teologicamente toda a perícopé, nos debruçando em alguns termos e símbolos, procurando extrair os seus significados.

E, por fim, no terceiro, vamos abordar essa caminhada dos santos, do povo de Deus. Tal esforço dar-se-á a partir da perícopé, para os tempos hodiernos, vendo como a Igreja perseverou no decorrer dos tempos e trazer uma mensagem de encorajamento e perseverança para a atualidade.

Tudo isso, para motivar as pessoas a lerem, sem receios, o livro do Apocalipse e que, a partir de nossa hermenêutica, o vejam como um livro de esperança. Tal sentimento/postura, que se mostra como um chamado à

perseverança em Deus em meio as tribulações das quais o ser humano contemporâneo está exposto: secularização, injustiças, crise e ridicularização da fé e da família, subjetivismo, opressão e perseguição, hedonismo exacerbado, relativismo e etc. Então, discorramos sobre essa profunda temática.

## 1 PERSEVERANÇA NO LIVRO DE APOCALIPSE: PERSPECTIVA DE PARTIDA

O Apocalipse é um livro especial dentro do Novo Testamento, visto que é uma narrativa exclusiva. “Ele narra visões e audições extraordinárias que dizem respeito a coisas que normalmente não são vistas nem ouvidas por seres humanos. O Ap é singular no NT, mas não no mundo antigo. Textos semelhantes foram preservados no AT, em outras obras literárias judaicas e na literatura cristã extracanônica” (COLLINS, 2011, p. 835).

Essa singularidade do Apocalipse também é devida ao seu aspecto esperançoso de elencar a perseverança na fé em Cristo, o Cordeiro, o Ressuscitado, diante das diversas aflições e dificuldades vividas pelas comunidades. Perseverar é a qualidade daquele que permanece inflexível no caminho que se propôs, que se comprometeu. É ficar firme até a morte. Aqui veremos que as Igrejas precisam perseverar naquilo que o Anjo diz, exorta, para, assim, saírem vencedoras no combate contra os inimigos.

### 1.1 APOCALIPSE: UM GÊNERO LITERÁRIO SINGULAR E DE TANTOS EQUÍVOCOS

O termo “Apocalipse” (*Αποκάλυψις*) vem do verbo grego “*apo-kalypto*” e significa “revelar”, remover o véu ou mais precisamente revelar o oculto. Mas qual é o véu que é removido ou deve ser removido?

É o que encobre, esconde e, portanto, ‘impede’ a compreensão do significado profundo dos fatos da história da qual somos protagonistas, do que acontece ao nosso redor ou mesmo longe de nós. Do ponto de vista ‘religioso’, retirar o véu corresponde a explorar a possibilidade e a oportunidade de conhecer e compreender o plano de Deus para a história, através da ligação que tem conosco, com a nossa consciência, com a nossa



responsabilidade dos cristãos em realizar e difundir o reino de Deus<sup>4</sup> (VANNI, 2009, p 12).

O livro, nos primeiros versículos, fala de “Deus que revela os acontecimentos que terão de acontecer: não no sentido de que nos faz ‘ver’ com os nossos olhos, mas nos ajuda a ‘entendê-los’, dá-nos uma chave interpretativa dos fatos que vivemos”<sup>5</sup> (VANNI, 2009, p. 12). E quais são os fatos que estamos vivendo? Essa pergunta traz uma perspectiva histórica e realística. A cada pessoa que lê esse livro, é possível entender que ele é para um indivíduo, um grupo, uma comunidade concreta que viveu e vive na história e que passou e passa por diversas situações. Logo, o cotidiano pode ser iluminado com a luz que ele nos traz e, assim, podemos entender a realidade, as situações que vivemos e mudá-la, tornando a vida e as suas dimensões, uma história de salvação.

A partir daí, já começamos a perceber que o apocalipse é um livro para a vida, um livro que nos mostra a vivência da fé. Segundo Harrington (1985, p. 614), tal livro tem o objetivo de “mostrar a providência de Deus em ação na história” e tem como finalidade “manter viva a esperança em Deus e lembrar aos homens que Deus detém o controle da história”. Esse objetivo e finalidade é bem notório para quem o lê, com critérios exegéticos e hermenêuticos, a partir da história e caminhada do povo de Deus. Um dos critérios é saber o que é um gênero literário e em qual deles o apocalipse se encaixa.

Gênero literário, conforme Konnings (2014, p. 246), é “o tipo de literatura a que pertence determinado trecho da Bíblia [...] Cada gênero tem suas características próprias e deve ser entendido conforme sua índole”. Então, ao analisar o Apocalipse de São João devemos ter atenção, pois se trata do gênero literário chamado “apocalíptico”. Este gênero de literatura “recorre à revelação (em grego: *apokálypsis*)

---

<sup>4</sup> *E ciò che ricopre, nasconde e quin- di «impedisce» la comprensione del significato profondo dei fatti della storia di cui siamo protagonisti, di ciò che accade intorno o anche lontano da noi. In un'ottica «religiosa», togliere il velo corrisponde a esplorare la possibilità e l'opportunità di conoscere e capire il progetto di Dio sulla storia, per l'aggancio che essa ha con noi, con la nostra coscienza, con la nostra responsabilità di cristiani nel realizzare e di- latare il regno di Dio (tradução livre).*

<sup>5</sup> *Il libro, nei primi versetti, parla di Dio che rivela eventi che dovranno acca- dere: non nel senso che ce li fa «vedere» con gli occhi, ma ci aiuta a «capirli», ci da una chiave interpretativa dei fatti che viviamo (tradução livre).*

de visões do futuro, para transmitir uma mensagem de advertência ou de conforto para o momento atual” (KONNINGS, 2014, p. 243).

Tal corrente teológica literária é significativamente presente no mudo judaico e surge em períodos de perseguição e crise. “Entre o século III aC e o século II dC, o movimento apocalíptico produziu uma ampla literatura, maior talvez que a literatura profética. Tanto os cristãos como os judeus produziram apocalipses, mas só dois deles entraram na lista dos livros inspirados: os de Daniel e de João” (MESTERS e ORFINO, 2003, p. 28).

Por fim, o gênero literário apocalíptico tem o intento de interpretar os eventos da história à luz do plano de Deus. E o livro do Apocalipse “pode ser considerado a obra-prima desse gênero: uma obra-prima do ponto de vista literário, do conteúdo, da riqueza da mensagem”<sup>6</sup> (VANNI, 2009, p. 12).

Além de saber sobre o gênero literário, é primordial conhecer como o livro é organizado e dividido. Isso posto, Vanni (2018, p. 9), diz que o Apocalipse aparece como “uma obra unitária, precedida por um prólogo (1,1-3) e concluída por um epílogo (22,6-21). Consiste em duas partes, de comprimento desigual, mas claramente definíveis ou conectadas entre si: 1,4-3,22 e 4,1-22,5”<sup>7</sup>.

Então, diante do que vimos até aqui, compreendemos que devemos ler esse gênero e, em especial esse livro, sabendo de toda a conjuntura que ele abrange, ou seja, estar atento sobre sua autoria, data de composição, destinatários, contexto histórico, mensagem, estrutura, para bem interpretá-lo. Assim, se evitará possíveis erros como fundamentalismos ou anacronismos e ver-se-á sua contribuição na dimensão da fé para cada pessoa que o lê.

Também vale ressaltar um aspecto bastante significativo. Este livro vem nos trazer uma mensagem de esperança e fidelidade, pois ele nos ensina que em meio às tribulações e dificuldades, aquele que persevera na fé em Cristo, obterá vitória, vencerá, assim como Ele venceu. Isto é perceptível em todo o livro e bem nítido na períclope que vamos abordar, as cartas às sete igrejas: 2,1-3,21.

---

<sup>6</sup> *L'Apocalisse può essere considerata il capo- lavoro di questo filone: un capolavoro dal punto di vista letterario, del contenuto, della ricchezza del messaggio* (tradução livre).

<sup>7</sup> *L'Apocalisse appare come un'opera unitaria, preceduta da un prologo (1,1-3) e conclusa da un epilogo (22,6-21). Consta di due parti, di lunghezza ineguale, ma chiaramente definibili o connesse l'una con l'altra: 1,4-3,22 e 4,1-22,5* (tradução livre).

Mas, se não formos criteriosos e seguirmos por essa linha interpretativa, poderemos cair em graves equívocos, para aqueles que leem ou ouvem falar do Apocalipse. De fato, nos quatro cantos do mundo, as pessoas fazem interpelações sobre este livro. Mas

Qual o motivo da atração desse escrito complexo, com frequência fantástico, que parece tão distante de nosso mundo moderno de ciência e tecnologia? Naturalmente, muitas das perguntas baseiam-se na visão equivocada do Apocalipse que supõe ser ele um código simbólico que prediz com exatidão as pessoas e os acontecimentos que levam ao fim do mundo. Esse tipo de compreensão existe em círculos cristãos heréticos desde o século II d.C. Um grupo de montanistas chegou a ir ao deserto Frígio para ver a Jerusalém celeste descer do céu. Ficaram desapontados em suas expectativas, como outros profetas desde então. A Igreja não concluiu a Sagrada Escritura com este livro a fim de proporcionar predições glorificadas de acontecimentos futuros (PERKINS, 2013, p. 355).

Faz-se mister que o grande interesse no livro do Apocalipse demonstra que as pessoas têm um fascínio natural por sua mensagem. Mas então, acerca de que realmente se trata este livro?

Muitos enxergam no Apocalipse a luta entre bem e mal, nisto acontecem os equívocos de interpretações sobre esse belíssimo livro. A maioria das pessoas o lê muito superficialmente, pegando-se a imaginações fantasiosas ou nem leem, permanecendo apenas no “ouvir dizer”, sem fazer uma leitura apurada e madura do texto, tentando extrair suas mensagens e seus símbolos. Outros, simplesmente o assimilam com catástrofes e fim do mundo. A palavra apocalipse já assusta muita gente. Segundo Mesters e Orfino (2003, p.7) “quem diz apocalipse geralmente pensa em catástrofe. Sugere e provoca reações bastante negativas, que têm a ver com a confusão, desastre, fim do mundo. Sugere algo que vem de outras forças, por isso provoca medo que faz recuar”. Mas, como nos aponta, Rossi e Perondi, (2021, p. 10):

A única finalidade que o Apocalipse não tem é indicar o dia do fim do mundo, como muitos querem entender. Mas profetiza o fim ‘de um mundo’ Estes, sim, terão seu dia, seu fim. Ao contrário, as comunidades que

perseverarem e mantiverem a fidelidade serão um sinal, um testemunho para as gerações seguintes.

É um livro com uma linguagem densa e de grandiosa riqueza de símbolos. Por isso, é necessário um estudo aprofundado para saber o que tais visões e símbolos querem dizer. As visões, como atesta a Introdução ao livro do Apocalipse na Bíblia de Jerusalém (2015, p. 2139), “não têm valor por si mesmas, mas pelo simbolismo que encerram, pois em apocalipse tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, as partes do corpo e até as personagens que entram em cena”. Se não nos atentarmos a isso, poderemos falsificar o sentido de sua mensagem; E não o que queremos.

E se assim o fizermos, incorreremos em grande erro, porque vamos ler e interpretar o Apocalipse de acordo com nossos próprios critérios, a partir da nossa visão de mundo. Isso pode ser muito danoso para aqueles que procuram na vida de fé, na Bíblia, na comunidade eclesial, um suporte, um auxílio para gozar da vida com leveza e significado. Konnigns (2014, p. 147), pontua sobre isso, quando afirma que o livro do “Apocalipse é lido, frequentemente, numa óptica errada. Para alguns é simplesmente um livro de horrores. Outros o usam para especulações ora fantasiosas, ora fundamentalistas ou até fanáticas”.

Por isso é que Vanni (1984, p. 25) elucida que “não é possível interpretar corretamente o Apocalipse sem tomar conhecimento claro dos valores lexicais, gramaticais, estilísticos que lhe são próprios”. Diante disso, cabe aqui uma explicação sobre o simbolismo e o papel deste no livro do Apocalipse, visto que esta é uma técnica utilizada com muita frequência pelo autor sagrado. Para Vanni (2009, p. 215), “o simbolismo é uma transformação do sentido que é dado a um termo que, realisticamente falando, teria outro e diferente significado<sup>8</sup>”. E dentro desta técnica há várias formas, pelas quais o autor se utiliza para se comunicar e se expressar. Vejamos algumas, conforme aponta Vanni (2009, p. 215)<sup>9</sup>:

---

<sup>8</sup> *Il simbolismo è una trasformazione di significato che viene data a un termine che, realisticamente parlando, avrebbe un altro e diverso significato* (tradução livre).

<sup>9</sup> *Quello «cosmico», in riferimento al cielo, inteso non come «volta celeste» ma come zona di Dio: quello «antropomorfo», riferito alla vita dell'uomo. Per esempio, lo stare in piedi per l'autore non designa una postura «fisica» ma rimanda e si riferisce allo status di risurrezione; c'è il simbolismo «teriomorfo», dove i protagonisti sono gli animali: il drago, l'agnello, l'aquila, ecc., visti sia in positivo*

- a) O cósmico: referindo-se ao céu, entendido não como uma “abóbada celeste”, mas como um espaço de Deus;
- b) O antropomórfico: referindo-se à vida do homem. Por exemplo, representar o autor não designa uma postura “física”, mas se refere e ao status de ressurreição;
- c) O teriomórfico: onde os protagonistas são os animais: o dragão, o cordeiro, a águia etc., vistos tanto positivamente quanto negativamente;
- d) O aritmético: onde os mesmos números não têm mais um valor quantitativo, mas qualitativo. Por exemplo, sete, que indica integridade; o três e meio, que indica parcialidade;
- e) O cromático: onde as cores são atribuídas não apenas a uma sensação “visual”, mas a um valor “qualitativo”. Por exemplo, o branco, que sempre indica uma referência e uma participação muito intensa na ressurreição de Cristo.

Juntamente com o simbolismo, há uma característica no livro que fez muitos estudiosos pensarem que ele seria uma carta, como o endereço (1,4) e a saudação final (22,21). Ele apresenta esses elementos epistolares, conforme pontua Collins (2011, p. 836):

As referências iniciais ao livro como uma revelação ou apocalipse (1,1) e como uma profecia (1,3) ocorrem no prólogo no qual se fala de João na terceira pessoa. Na maior parte do restante do Ap, João fala na primeira pessoa. No ponto de transição da terceira para a primeira pessoa, introduzem-se elementos epistolares (1,4). Os vv. 4-5a possuem a forma padrão da fórmula introdutória das cartas típicas antigas (remetente, destinatário, saudação).

Contudo, a apocalíptica é de tudo ausente no gênero epistolar. Então, não se trata de uma carta. Antes, é mais provável que seja um livro destinado à assembleia litúrgica. Visto essas inúmeras particularidades e observações, vejamos a quem é atribuída a autoria deste fascinante livro e quando ele foi escrito.

### 1.1.1 Autoria e época de composição

---

*che in negativo; poi abbiamo il simbolismo «aritmetico», dove gli stessi numeri non hanno più un valore quantitativo ma qualitativo. Per esempio, il sette, che indica la totalità; il tre e mezzo, che indica invece la parzialità; abbiamo, infine, il simbolismo «cromatico», dove ai colori viene attribuita non solo un sensazione «visiva» ma un valore «qualitativo». Per esempio il bianco, che indica sempre un riferimento e una partecipazione molto intensa alla risurrezione di Cristo (tradução livre).*

Sobre a autoria deste livro, têm-se algumas hipóteses. Primeiramente que poderia ser João, o evangelista, ou filho de Zebedeu ou o Ancião. Não se tem certeza de qual João seja, já que, no prólogo ele somente diz que é João “o servo” (Ap 1,1), “irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus” (Ap 1,9). Ele não atribui a si o título de apóstolo, discípulo ou diácono. Ele “nem mesmo reivindica o título de profeta, embora seja intimamente associado a profetas e profecia no texto (10,11; 22,9)” (COLLINS, 2011, p. 838).

O mais importante, diante dessa questão, não é saber se de fato foi o Apóstolo João, mas que ele traz uma carga de autoridade, pois, o que escreveu tem eficácia, como aponta Collins (2011, p. 838): “Parece melhor concluir que o autor foi um profeta protocristão chamado João, de resto desconhecido. A autoridade do livro reside na eficácia do texto em si e no fato de que a igreja o incluiu no cânone”.

Esta é uma observação formidável, uma vez que no tempo em que vivemos, há uma exigência social e normativa de saber quem é o autor de obra e escritos que são publicados. Porém, para a época que o Apocalipse foi escrito isso era significativo. O que é importante, de fato, é saber que a João foi atribuído esse livro e que este João, “é alguém que soube colocar-se diante de Deus e acolher a mensagem revelada por Jesus Cristo (o Cordeiro vencedor)” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 7). Importante também, é saber que João o escreveu num tempo de crise e quis inspirar a esperança e perseverança nos seus interlocutores.

Sobre a língua em que foi escrito, majoritariamente os biblistas e exegetas afirmam ter sido o grego (*koiné*), como ilustra Tuñí e Alegre (1999, p. 194): “Na atualidade os especialistas coincidem em afirmar que a língua original do Apocalipse é o grego”. E aqui há uma especulação interessante. De acordo com Lancellotti (1975, p. 21), seguindo os estudos e pesquisas de R.H. Charles, João escreveu o livro em grego, entretanto, com o pensamento no hebraico. É isso que ele elucida em sua pesquisa:

Nossa recente investigação sobre o assunto nos permitiu tirar as seguintes conclusões: 1) o Apocalipse aparece como o documento mais marcante que atesta a evidência de que as categorias sintáticas semíticas podem

permanecer sob o disfarce grego; 2) deixando uma boa margem para o insuficiente conhecimento de grego de João, uma alta porcentagem, que poderia ser estimada em oitenta por cento, de seus 'barbarismos' são verdadeiros semitas. smi, direta ou indireta, primária ou secundária; 3) João não traduz, mas formula seu pensamento em categorias semíticas que ele transporta para o grego apenas mentalmente, e nem sempre de maneira feliz (...) 4) os semitismos do Apocalipse são mais orientados para o hebraico do que para o aramaico, para o qual a tese de Charles permanece válida<sup>10</sup>.

Por causa disso, alguns pesquisadores tendem a assegurar que o autor do Apocalipse falasse mais de uma língua, como explana Tuñí e Alegre (1999, p. 194): “o seu autor é, no mínimo, bilíngue, pois sua maneira de pensar e de se expressar está claramente marcada pelo hebraico ou o aramaico”.

No que tange à época de composição deste livro, a maioria dos estudiosos expõem que o Apocalipse foi escrito perto do final do reinado de Domiciano (51-96 d.C.), que governou o império romano de 81 d.C., até sua morte, em 96 d.C. Eusébio de Cesareia em sua obra “História Eclesiástica”, no Livro III, capítulo XVIII, nos legou um relato importante, discorrendo sobre o vidente do Apocalipse: “Não faz muito tempo que teve a visão; foi quase em nossa geração, pelo fim do governo de Domiciano”. Ainda no mesmo capítulo ele continua: “Narram que no décimo quinto ano de Domiciano, Flávia Domitila, filha de uma irmã de Flávio Clemente, um dos cônsules de Roma nesta ocasião, foi também ela, com muitos outros, banida para a ilha Pôncia em punição de seu testemunho prestado a Cristo”. Com isso temos um forte testemunho que aponta para um período de perseguição fomentado um determinado imperador: Domiciano.

De fato, existiram dois grandes perseguidores dos cristãos e judeus no primeiro século: Nero (37-68 d.C.) e Domiciano. E um dado interessante é que esses

---

<sup>10</sup> *Una nostra recente indagine sull'argomento ci ha permesso di trarre le seguenti conclusioni: 1) l'Apocalisse appare come il documento più appariscente che ci attesta all'evidenza come le categorie sintattiche semitiche possano permanere sotto la veste greca; 2) pur lasciando un buon margine alla insufficiente conoscenza del greco da parte di Giovanni, un'alta percentuale, che si potrebbe stimare sull'ottanta per cento, dei suoi «barbarismi» sono dei veri semiti. smi, diretti o indiretti, primari o secondari; 3) Giovanni non traduce, ma formula il suo pensiero in categorie semitiche che solo mentalmente, e non sempre in modo felice, trasporta in greco (...) i semitismi dell'Apocalisse sono più orientati verso l'ebraico che non verso l'aramaico, per cui rimane convalidata la tesi di Charles (tradução livre).*

imperadores não gozavam de boa fama tanto, pelos escritores da época, quanto, pelo senado romano.

Segundo Collins (2011, p. 839), “Nero de fato perseguiu os cristãos e não foi popular entre os romanos da classe senatorial” e após a morte de Domiciano, “o senado aprovou um decreto de *damnatio memoriae* [condenação da memória] contra ele. Isto significava que seu primeiro nome não poderia ser perpetuado por sua família, que imagens dele deviam ser destruídas e que seu nome devia ser removido das inscrições” (COLLINS, 2011p. 839).

Assim, é conveniente apontarmos que o livro do Apocalipse “é uma *Boa-Nova* porque comunica conforto e esperança a um povo em crise, ameaçado em sua fé” (MESTERS e ORFINO, 2003, p. 52) e que “não é, portanto, um livro de futurologia, mas um anúncio da vitória do Enviado de Deus (o Cordeiro) na plenitude do tempo [...] é um livro de exortação para a comunidade cristã ameaçada, por fora, pela perseguição e, por dentro, pela infidelidade” (KONNIGNS, 2014, p. 147). Dentro desse quadro o autor, enxerga a dimensão celeste com a vitória terminante do Cordeiro, enquanto, o povo, na história, sofre perseguição, desolação e martírios, mas animados e buscando a perseverança.

Então, nesse viés, o Apocalipse “é a resposta de Deus a um povo que sofre a perseguição e, apesar disso, se mantém fiel, resiste, denuncia, persevera, celebra, canta e espera na certeza de que um novo tempo irá chegar” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 6). É uma obra dedicada a robustecer e reerguer o ânimo e a fé dos cristãos em perseguição, ou seja, é um livro de esperança.

### **1.1.2 Apocalipse e profecia**

Sem sombra de dúvidas, o livro do Apocalipse se apresenta como uma verdadeira profecia. Esta palavra aparece sete vezes no decorrer do livro (1,3; 11,6; 19,10; 22,7.10.18-19). É uma profecia porque é um verdadeiro testemunho fiel de Cristo para todo o mundo. Contudo, “João nunca se designa como um profeta, mas há uma sugestão indireta de que ele o era. O anjo que medeia a revelação a João refere-se a seus ‘irmãos os profetas’ (22,9). Em uma outra ocasião, diz-se a João



que ele deve ‘continuar a profetizar’ (10,11)” (COLLINS, 2011, p. 835). Em outra situação o Anjo diz que “o espírito da profecia é o testemunho de Jesus” (Ap 19, 10) e de fato, João deu testemunho do Cristo.

Além disso, se formos analisar quem é o profeta, veremos que é alguém enviado por Deus e iluminado pelo seu Espírito, que consegue ler e interpretar os sinais dos tempos e os aspectos simbólicos que lhe aparecem. É alguém chamado para ser sinal da iniciativa divina e João se encaixa nessa dimensão.

Dando mais um passo, e olhando para a dinâmica do livro como uma profecia, é necessário um esclarecimento: profecia e Apocalipse na Bíblia nunca foram previsão de catástrofes ou eventos futuros ou adivinhações. Ao contrário, “são uma crítica a um sistema que oprime o povo. São a denúncia contra os poderes que dominam e oprimem o povo, contra aqueles que se julgam acima de tudo e até do próprio Deus” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 6).

Ambas estão unidas em prol da vida e do povo de Deus. A perspectiva apocalíptica igualmente está ligada e justaposta ao gênero literário da profecia. Como juntar esses aspectos? Vanni (2009, p. 12) propõe que:

A apocalíptica ajuda-nos a interpretar a história, a compreender o nosso tempo, o nosso ser povo de Deus. A linha da ‘profecia’ junta este papel interpretativo à necessidade de implementação da mensagem, purificação, solicita uma atenção árdua à história e à Deus, uma abertura espiritual e intelectual, pouco praticada, no que diz respeito ao ‘novo que avança’. Os dois gêneros literários, portanto, não são colocados lado a lado de forma heterogênea, eles se fundem. O apocalíptico nos faz ler a história, a profecia nos ativa, nos prepara, nos faz ler ‘dentro’ da história, de forma ‘aberta’<sup>11</sup>

Assim, é verossímil e profundo o que diz Mesters e Orfino (2003, p. 26), nessa dimensão unitiva e conjunta: “O profeta que despreza o apocalíptico já não

---

<sup>11</sup> *La linea «apocalittica» si aggancia e si applica anche al genere letterario della «profezia». Come mettere insieme questi aspetti? L'apocalittica ci aiuta a interpretare la storia, a capire il nostro tempo, il nostro essere popolo di Dio. La linea della «profezia» congiunge a questo ruolo interpretativo l'esigenza di un'attuazione del messaggio, richiede una purificazione, sollecita un'attenzione faticosa alla storia e a Dio, un'apertura spirituale e intellettuale, poco praticata, rispetto al «nuovo che avanza». I due generi letterari non sono perciò collocati l'uno accanto all'altro in maniera eterogenea, si fondono insieme. L'apocalittica ci fa leggere la storia, la profetia ci attiva, ci prepara, ci fa leggere «dentro» la storia, in maniera «aperta» (tradução livre).*

sabe o que é profecia. O apocalíptico que despreza o profeta deixou de ser ele mesmo uma revelação (*apocalipse*) de Deus para o povo”.

Em suma, a relação de apocalipse e profecia é bastante profunda e unida. Para Vanni (2009, p 12) “o texto se insere no grande quadro da literatura ‘apocalíptica’ e ‘profética’: trata da história, da presença de Deus e de sua ação nela; no final, trata do que hoje chamamos de ‘história da salvação<sup>12</sup>”.

### 1.1.3 Uma eclesiologia cristocêntrica

Finalizando essa parte, é interessante ressaltar o valor cristocêntrico que as cartas e o Apocalipse como um todo elenca. Todas as igrejas giram em torno de Jesus, pois, “Ele, e somente ele, é apresentado como o centro e o coração das Igrejas, mostrando que, sem a presença dele, não há a mínima possibilidade de vida. A Igreja no Apocalipse é, portanto, cristocêntrica” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 14). Somente Cristo é o intérprete e o guia da história. Assim, a comunidade cristã só poderá interpretar a história a partir de Cristo.

Podemos aferir isso olhando no prólogo e, em cada carta, quanto aos títulos dado à Jesus. Ele é “a testemunha fiel, o Primogênito dos mortos, Cristo, o Príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e que nos lavou de nossos pecados com seu sangue, e fez de nós uma Realeza de Sacerdotes para Deus, seu Pai” (cf. Ap 1, 5-6). Há de acentuar aqui, também, o título de Cordeiro, o que é citado mais vezes (Ap 5,6.8.12.13; 6,1.16; 7,9.10.14.17; 12,11; 13,8; 14,1.4.10; 15,3; 17,4; 19,7.9; 21, 9.14.22.23.27; 22,1.3).

As cartas ilustram a centralidade e os títulos de Cristo de outra forma. Éfeso: “Aquele que segura as sete estrelas em sua mão direita, o que anda em meio aos sete candelabros de ouro” (Ap 2,1); Esmirna: “O primeiro e o Último, aquele que esteve morto mas voltou à vida” (2,8); Pérgamo: “Aquele que tem a espada afiada de dois gumes” (2,12); Tiatira: “Filho de Deus, cujos olhos parecem chamas de fogo

---

<sup>12</sup> *Il testo si colloca nel grande quadro della letteratura «apocalittica» e «profetica»: si occupa della storia, della presenza di Dio e della sua azione in essa; in definitiva tratta di quella che oggi chiamiamo «storia della salvezza»* (tradução livre).

e cujos pés são semelhantes ao bronze” (2,18); Sardes: “Aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas” (3,1); Filadelfia: “O santo, o Verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, o que abre e ninguém mais fecha e fechando, ninguém mais abre” (3,7); Laodiceia: “O Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus” (3,14). Esses inúmeros títulos mostram a magnitude, presença e ação de Jesus, para com seu povo, seus irmãos.

É este Cristo que impulsiona a Igreja, por meio do seu amor e cuidado para com as comunidades. Veremos isso, mais detalhadamente, no próximo capítulo, quando analisarmos a particularidade de cada carta.

## 1.2 A TERMINOLOGIA E O CAMPO SEMÂNTICO DA PERSEVERANÇA

Perseverança é uma palavra-chave para entendermos o livro do Apocalipse e é um termo fundamental para este trabalho, tendo em vista que estamos analisando a perseverança dos santos, do povo de Deus, a partir das cartas às sete igrejas. Sendo um conceito basilar, faz bem o analisarmos em sua semântica, compreendendo o seu significado.

Há duas palavras gregas que corresponde ao vocábulo perseverança: “*proskartesis*” (προσκαρτέρησις) e “*epimone*” (επιμονή); este último pode ser entendido como persistência. Tais termos são os correspondentes gregos do termo hebraico (מִקְוֵה) “*miqweh*”. Logo, entendemos a terminologia da perseverança como virtude caracterizada pela constância e firmeza, que, já no Antigo Testamento, está muito presente em alguns livros (Nm 14,24; 32,11; 32,12; Dt 1,36; Js 14,8-9.14; 2Cr 15,7), pensemos no livro de Jó, por exemplo, mas, não só ele, como outros da literatura sapiencial (Ecl 2,9).

Igualmente, essa terminologia, ou outras ligadas ao mesmo campo semântico, é muito recorrente no Novo Testamento: Lc 8,15; 21,19; Rm 2,7; 5,3; 5,4; 12,12; Ef 6,18; Cl 1,11; 2Tm 3,10; Hb 10,36; 12,1; Tg 1,3; 1,4; 5,11; 2Pd 1,6. No livro do Apocalipse, objeto do nosso estudo, a terminologia é ainda mais presente e chega a ser um elemento estruturante da obra. Nele aparece “*ýpomonín*” (ύπομονήν)

em: 2,2; 2,3; 2,19; 3,10; 13,10b; 14,12, que traduzindo seria algo mais próximo de paciência.

Em todo caso, o significado de perseverar é dar continuidade a uma ação após intenso esforço, é continuar firme e constante no propósito. Segundo Vanni (2018, p. 115), “perseverança é a capacidade de suportar a pressão de uma dificuldade”<sup>13</sup>. É uma questão de aplicar continuamente a constância à vida cristã.

Na perspectiva de Rossi e Perondi (2021, p. 23), perseverança,

Trata-se, antes de mais nada, de uma resistência permanente em meio as adversidades. E, se pensarmos em um ambiente em que os discípulos e discípulas eram perseguidos, podemos acrescentar que perseverança também é fidelidade sob feroz perseguição. Perseverança, portanto, se relaciona com vida ativa que caminha pelas trilhas do mundo a caminho do Reino e, por isso, não aceita um estilo de vida marcado pela acomodação.

Diante das breves definições desse conceito-chave, que é a perseverança, cabe colocar aqui o que o livro do Apocalipse quer denunciar, que é “o poderio e a tirania do Império Romano e anunciar que tempos melhores irão chegar se o povo se mantiver fiel à Palavra de Deus e ao testemunho de Jesus” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 6). Fazer essa junção do conceito com o que o Apocalipse aborda é dar mais sentido e clareza ao corpo desta pesquisa, destarte acentuando mais ainda o sentido de que perseverança é manter-se constante. Portanto, a perseverança é a virtude de aturar com firmeza as dificuldades e perseguições.

### 1.3 CONTEXTO HISTÓRICO EM QUE SE INSERE

Estudar o Apocalipse, especialmente a perícopes das cartas às igrejas, é olhar para a realidade perseguidora que os cristãos viviam no final do primeiro século da era cristã. Roma é a grande perseguidora, a ela é atribuído o nome de

---

<sup>13</sup> *La perseveranza è la capacità di tenuta sotto la pressione di una difficoltà* (tradução livre).

Babilônia<sup>14</sup>. Contudo, não é somente Roma, a cidade em si, e sim o Império Romano que subjuguava os povos e nações dominadas.

Para se ter uma ideia de como os romanos conquistavam os povos, olhemos para o que diz Rossi e Perondi (2021, p. 12):

Desde o início, os romanos estabeleceram seu império pela força superior das armas. No entanto, a maior novidade da atitude romana com respeito ao império era a firme crença de ser esse império universal e desejado pelos deuses. Básica para a teologia imperial era a reivindicação de seu império porque os deuses desejavam que Roma governasse o mundo. A teologia imperial alegava que os deuses, especialmente Júpiter, tinham escolhido Roma e seus imperadores para governar o mundo e manifestar o desejo e as bênçãos de Deus entre as nações. Essas mensagens eram afirmadas através de celebrações cívicas de vitórias, da cunhagem de moedas, de construções, festivais, poetas, escritores etc.

Foi o que período que ficou conhecido como *Pax Romana*, que de paz não tinha nada, ao contrário, era um período de muita ameaça e medo. Visto que, paz não é ausência de guerra, rebeliões ou revoltas. Antes, é harmonia de relações e respeito mútuo. Essa dita *Pax Romana*

Estava fundada na conquista e na guerra. A paz, no sentido romano, significava um pacto depois da conquista, ou seja, os romanos mantinham a *pax romana* pelo terror. A *pax romana* foi resultado produzido a ferro e fogo e mediante o uso, sem escrúpulos, de todos os meios de luta do Estado, de uma disputa inimiga com o mundo inteiro, que se apoiava numa arte de Estado coercitiva e através da qual, em cada caso concreto, houvera a vontade ilimitada da defesa do próprio proveito (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 14).

Para manter tudo o que conquistou e defender seus amigos, aliados e levar a civilização, a *Pax Romana* imperava por meio da violência, assassinato e escravidão. Portanto, não era possível seguir dois reinados; ou era o de Cristo ou o de Roma, não se poderia ter dois senhores, visto que o imperador era considerado

---

<sup>14</sup> A maioria dos estudiosos reconhece que Babilônia, no Apocalipse, é um nome simbólico para designar Roma. Tal nome é rotineiramente visto como um símbolo de supremacia política, de grande luxúria ou decadência.

um deus. Perkins (2013, p. 358), nos mostra essa problemática, apontando que “falar sobre o imperador como se ele fosse um deus ou participar de rituais que o glorificavam como tal equivalia a negar a própria condição de cristão. Era o mesmo que juntar forças com o poder satânico”.

De fato, o culto ao imperador “exigia que se oferecesse sacrifício (ou que queimasse incenso) diante de uma imagem de César, com a declaração: *Kyrios Kaisar* – “César é o Senhor”, isto é, divino – pura blasfêmia aos olhos dos cristãos. Para estes, Jesus Cristo, era o *Kyrios*, e eles deviam segurar firmemente seu nome” (HARRINGTON, 1985, p. 617). Este título era exclusivo para Cristo. Então, eles viviam numa grande tensão entre não adorar o imperador e viver o risco da perseguição e morte.

Arens e Mateos (2004, p.72) nos dão uma boa noção de como era o culto ao imperador naquela época:

O culto era parte integrante e essencial do sistema imperial e autoritário, que reunia tudo em torno de um chefe, o imperador, que, por sua vez, constituía o centro da magnificência religiosa: por meio dele ofereciam-se sacrifícios (também no templo de Jerusalém) e faziam-se consultas aos deuses. O culto imperial era substancialmente um meio de expressar a lealdade política por isso a inclusão de autoridades políticas divinizadas, em primeiro lugar a deusa Roma. No caso da pessoa do imperador, era mais do que simples homenagem ou bajulação. Fazia parte da estrutura social e do sistema político: o imperador era a mais alta personalidade da sociedade, a autoridade suprema, nenhuma outra maior senão os deuses, por isso facilmente equiparado a eles.

Podemos questionar: e quando essa dinâmica de endeusamento dos imperadores começou? Alguns historiadores apontam para a hipótese que tenha iniciado desde a época do império helênico. Entretanto, tais cultos ficavam na própria cidade. Na cidade de Roma o culto ao imperador teve o seu princípio no início da república do império, ou seja, antes do reinado de Domiciano (81-96 d.C.) e continuou depois dele. Porém, o culto mais antigo que temos registro é o da Ásia Menor, na cidade de Pérgamo, como nos aponta Arens e Mateos (2004, p. 73):

Em 29 a.C., Augusto concordou com o pedido da assembléia da província da Ásia de edificar em Pérgamo uma estátua sua para ser venerada juntamente com o culto à deusa Roma, com os sacerdotes e festas relativos a esse culto. E esse o mais antigo culto imperial romano conhecido na Ásia Menor. Na época de João, continuava o culto imperial em Pérgamo, “morada de Satanás”, como é chamada em Ap 2,13; havendo, inclusive, um mártir, Antipas, conhecido por ter recusado esse culto.

Como os cristãos não serviriam a dois senhores, não aceitavam tais honras e cultos ao imperador, já que ele não era um deus. Com essas atitudes eles eram perseguidos, exilados e assassinados, sob acusação de ateísmo e do crime de lesa-majestade.

Vemos aí, claramente, o exercício forte e intransigente da religião do Estado. Para que as pessoas fossem “boas cidadãs” deviam participar dela, expressando, assim, sua fidelidade política. Diante dessa situação de culto ao imperador, submissão à religião do Estado e fidelidade política é que a teologia profética do Apocalipse, conforme diz Arens e Mateos (2004, p. 77) “se constituirá uma vigorosa condenação absolutista contra o império, que usurpava a soberania só a Deus correspondente. Neste conflito entre soberanias, o cristão deve ter uma posição bem clara”: só Jesus é o *Kyrios*.

Diante dessa realidade opressora e perseguidora, o Apocalipse apresenta a imagem de Jesus como mártir fiel, que garante a nossa salvação, na condição de nossa perseverança mediante as tribulações. O livro “usa a imagem que Daniel faz dos mártires fiéis para encorajar os cristãos que sofrem perseguições. Assim como Antíoco não conseguiu eliminar o judaísmo, também a nova besta imperial, Roma, não conseguirá destruir os fiéis cristãos” (PERKINS, 2013, p. 356).

#### 1.4 AS IGREJAS DA ÁSIA COMO CHAVE DE LEITURA PARA O APOCALIPSE

Muitos autores e estudiosos abordam e estudam o livro do Apocalipse a partir da chave de leitura dos setenários. Segundo Vanni (2009, p. 214), o setenário “é em si, uma estrutura literária, caracterizada por uma sucessão escrita de sete elementos. Uma sucessão que pode não ser imediata, mas ‘à distância’: como, por

exemplo, na seção dos sete selos”<sup>15</sup> ou pode ser próxima, como as sete cartas às sete igrejas (Ap 2-3). Além desses dois, ainda no livro, tem o setenário das trombetas (Ap 8,6-11,19) e o das taças (Ap 16).

A chave de leitura que utilizaremos é o setenário das cartas. São sete cartas à sete igrejas e por mais que chamemos de cartas, elas são, acima de tudo, discursos proféticos. Para Harrington (1985, p. 616), elas “são em primeiro lugar, juízos sobre o estado espiritual das igrejas, e encarecem a necessidade de conservar a fé; achegam-se, por isso, mais à forma profética do que apocalíptica”. Contudo, como já pontuado no tópico 1.1.2, sabemos que esses dois gêneros literários, não são colocados lado a lado de forma heterogênea, eles se fundem, um soma ao outro.

“As sete igrejas não são arroladas a esmo, mas em ordem. Estavam ligadas por uma estrada circular que, de Éfeso, rumava para o norte, em direção a Esmirna e Pérgamo, e em seguida virava para o sul, para apanhar as outras” (HARRINGTON, 1985, p. 622). Concordando com Harrington, Collins (2011, p. 844), ratifica esse dado geográfico, quando diz que “as sete localidades mencionadas estavam localizadas em sequência numa estrada importante. Assim, este apocalipse na forma de carta circular podia ser carregado facilmente de um lugar para o seguinte”.

Isso nos faz entender que o autor não citou e endereçou as cartas a estas sete igrejas aleatoriamente. Há uma causa geográfica (como vimos acima), além do autor encontrar-se exilado numa região próxima; histórica (comunidades cristãs perseguidas pelo império) e espiritual-social (conflitos internos nas comunidades e busca da perseverança na fé).

E quando falamos de Igreja e igrejas devemos estar atentos aos seus significados nesta perícopes, pois

O termo *chiesa/ἐκκλησία* (2.1.8.12.18; 3.1.7.14) refere-se à igreja local, identificada em seu distrito geográfico. Mas ainda mais frequentemente falamos de igrejas no plural (1.20; 2.23; 1.4.11; 2.7.11.29; 3.6.13.22; 22.16),

---

<sup>15</sup> *È, di per sé, una struttura letteraria, caratterizzata da una successione scritta di sette elementi. Una successione che può essere anche non immediata ma «a distanza»: come, per esempio, nella sezione dei sette sigilli* (tradução livre).



com um alcance semântico generalizado; quando a palavra é combinada com o número sete (1,4.11.20), o autor refere-se a uma totalidade da igreja que se expressa então nas diversas concretizações espaço-temporais<sup>16</sup> (VANNI, 2018, p. 23).

Portanto, as cartas foram escritas para as igrejas do primeiro século e as são para nós em tempos hodiernos. “Cada mensagem, nascida e dirigida a uma Igreja particular, não se limita a ela, mas está imersa na Igreja universal, entendida como uma totalidade, ao que cada um de nós pertence”<sup>17</sup> (VANNI, 2009, p. 46). Mesmo sendo dirigidas a comunidades específicas, “as mensagens apresentam uma revelação dirigida a toda comunidade cristã. Os problemas dessas Igrejas eram, provavelmente, típicos dos enfrentados alhures pelos cristãos” (PERKINS, 2013, p. 360). Não só para eles naquela época, mas para os da atualidade também. Isso reverbera em nossas vidas, uma vez que nos sentimos envolvidos e interessados, por saber que é para nós, atualmente, que essas cartas, também, são endereçadas.

No que tange às cidades nas quais as comunidades estavam, Corsini (1984, p. 111) nos traz um panorama histórico:

As comunidades destinatárias encontram-se nas cidades de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia. As mais importantes eram, também naquele tempo, Éfeso e Esmirna. As cidades de Sardes e de Pérgamo tinham sido sedes de gloriosos reinos no passado: a primeira foi sede do reino da Lídia, representado pelos nomes legendários de Gigas, Aliato, Cresos (séculos VII-VI a.C.); a segunda, de um dos muitos reinos em que se subdividiu o império de Alexandre Magno depois da sua morte, e se distinguiu como centro de cultura e de arte durante o período helenístico. As restantes eram então florescentes centros comerciais.

---

<sup>16</sup>*Il termine chiesa/ἐκκλησία (2,1.8.12.18; 3,1.7.14) è riferito alla chiesa locale, identificata nella sua circoscrizione geografica. Ma si parla ancora più spesso di chiese al plurale (1,20; 2,23; 1,4.11; 2,7.11.29; 3,6.13.22; 22,16), con una portata semantica generalizzata; quando il vocabolo è abbinato al numero sette (1,4.11.20), l'autore si riferisce a una totalità di chiesa che poi si esprime nelle varie concretizzazioni spazio-temporali (tradução livre).*

<sup>17</sup>*Ogni messaggio, nato e indirizzato a una Chiesa particolare, non si esaurisce in essa, ma s'immerge nella Chiesa universale, intesa come totalità, alla quale ognuno di noi appartiene (tradução livre).*

Cada comunidade inserida nessas cidades teve suas dificuldades e alegrias, tribulações e alertas, correções e promessas que também serão abordadas neste trabalho. O que fica desde já, a partir do que já vimos sobre elas é que, na atualidade, cada uma “deve olhar no espelho de todas as cartas e, assim, a partir delas, aprender a ler os fatos de sua vida, onde o Espírito de Deus fala hoje” (MESTERS e ORFINO, 2003, p. 121). Vejamos o que o Espírito disse às sete comunidades, para aprendermos o que Ele vai nos dizer à nossa Igreja atualmente. Portanto, acreditamos que uma boa leitura exegético-teológica do tema da perseverança nesta perícopes nos serve como uma verdadeira chave interpretativa para toda obra como tal.

## 2. ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE TEXTOS EXEMPLARES

Para melhor entendermos toda a nossa abordagem, adentraremos nos textos desta perícopa, analisando-os de forma exegética e teológica. De antemão, é valoroso saber que a mensagem central das cartas e para aquele povo é “uma advertência profética sobre o cuidado que os cristãos devem tomar para não perder a salvação que Cristo conquistou para eles” (PERKINS, 2013, p. 361). Assim, essas igrejas são encorajadas a perseverar em meio à perseguição e a não serem afetadas nos desvios doutrinários, pois somente perseverando é que vão participar da vitória de Cristo.

Sobre o padrão e estrutura da perícopa, temos o seguinte:

A seção epistolar proporciona avaliação profética, avaliação crítica e encorajamento às Igrejas mencionadas. Todas as cartas seguem um padrão: 1. Ordem para escrever. 2. Fórmula do mensageiro profético com uma descrição de Jesus como o remetente. 3. Passagem iniciada por “conheço” ou “sei”. Inclui alguns dos elementos seguintes: a) “Conheço” + descrição da situação; b) “Mas tenho contra ti” (censura); c) ordem para se arrepender; d) dito profético; e) promessa: o Senhor virá logo; f) exortação à perseverança. 4. Chamado para ouvir. 5. Promessa de recompensa aos vencedores (PERKINS, 2013, p. 361).

É interessante notar, sobre o tópico 5 anterior, que as promessas ao vencedor antecipam a descrição da salvação nos capítulos 21 e 22 no Apocalipse. Nisso, vemos que este livro, como uma obra toda, está sempre ligando seus pontos num diálogo dos três primeiros capítulos com o restante do escrito.

Voltando à dimensão estrutural, o biblista Vanni (2009, p. 47), percebe seis pontos na estrutura de cada carta: a) O primeiro é que em cada carta às Igrejas começa com esta expressão: “Ao anjo da Igreja em... escreve” (Ap 2,1); b) o segundo é que as cartas continuam com uma auto apresentação de Cristo: “Assim diz o filho de Deus. Aquele que tem a espada afiada de dois gumes” (2,18.12); c) no terceiro ponto as cartas elencam sobre a situação da Igreja, quase sempre da mesma forma: “Conheço tua conduta, tua tribulação, sei onde moras” (2,2.9.13); d) no quarto ponto temos a exortação e a promessa que dirige às Igrejas, dois

elementos que devem ser cuidadosamente examinados. Enquanto o juízo é um enunciado no indicativo (“Faze isto, faz aquilo, mostra-te, segurai-o, observa-o, segura com firmeza...”), a certa altura a mensagem passa ao imperativo: Cristo não só exorta, mas ordena, dá uma ordem, de forma forte e decisiva, como: “Converte-te pois!” (2,16.19b); e) o quinto ponto, é o da promessa de Cristo ressuscitado ao vencedor: “Eu lhe darei o maná escondido e conceder-lhe-ei autoridade sobre as nações” (2,17a.26); f) e o sexto e último ponto é que, no final de cada carta, há sempre uma exortação de carácter geral: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (3,6.13).

Para este outro autor, Corsini (1984, p. 111), apresenta um esquema uniforme e bastante fixo sobre a composição das cartas, como os outros dois estudiosos anteriores. Contudo, verifica-se uma divisão em três partes: “1) *Introdução*: a) endereço; b) apresentação do ‘remetente’, isto é, Cristo; 2) *Corpo da carta*: elogio à comunidade, reprovações, exortações, conselhos, ameaças, anúncio da vinda de Cristo; 3) *Conclusão*: a) convite a dar ouvidos à voz do Espírito; b) promessas ao ‘vencedor’”.

Com essas divisões é que o autor traz a mensagem às igrejas e nestas há alguns elementos comuns, bem simbólicos, como o número sete. Isso quem nos mostra é Vanni (2018, p. 103):

A mensagem contida nas cartas às igrejas não só apresenta um padrão literário recorrente, mas também contém elementos que se repetem sete vezes. Na intenção do autor, esta repetição tem o duplo propósito de enquadrar firmemente os aspectos fundamentais da relação interior entre Jesus que fala e as comunidades individuais que o ouvem, e de tornar todas as Igrejas que o ouvem capazes de colaborar eficazmente com Ele na vencer o mal e enraizar-se no bem a ser alcançado na história da humanidade<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> *Il messaggio contenuto nelle lettere alle chiese non solo mostra uno schema letterario ricorrente, ma contiene anche degli elementi che si ripetono per sette volte. Nell'intenzione dell'Autore tale ripetizione ha il doppio scopo di inquadrare saldamente gli aspetti fondamentali del rapporto interiore fra Gesù che parla e le singole comunità che stanno ascoltando, e di rendere tutte le chiese che ascoltano capaci di collaborare fattivamente con lui nel superamento del male e nel radicamento del bene da realizzare nella storia dell'umanità* (tradução livre).

Ainda sobre as formas e estrutura do texto, Mesters e Orfino (2003, p. 120) elucidam algo singular sobre a expressão “Assim diz”. Segundo eles, isso “evoca os oráculos dos profetas do AT: ‘Assim diz o Senhor!’ Como os profetas, Jesus se pronuncia sobre o que está acontecendo em cada comunidade. Ele aprova as qualidades positivas e denuncia os erros e os defeitos”.

Nessa percepção, vê-se que tais cartas são uma visão profética da conjuntura que as comunidades passavam. Diante disso, vejamos o que há de característico e particular em cada Igreja.

## 2.1 A IGREJA DE ÉFESO E OS DOIS PERIGOS EMINENTES: OS FALSOS APÓSTOLOS E A PERDA DO PRIMEIRO AMOR

Éfeso é uma cidade bem famosa e até para quem não é um leitor assíduo da Bíblia ora ou outra ouve falar dela. Naquele tempo ela “era considerada uma das principais cidades da Ásia Menor. Nela se encontrava o principal centro comercial da região, assim como o célebre templo da deusa Diana, tornando-se uma cidade célebre também por causa de suas práticas mágicas e supersticiosas” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 22). Tinha cerca de 600 mil habitantes, sendo a maior e mais importante cidade daquela região da Ásia. “Era um centro cultural, cuja a influência se fazia sentir em toda a região. Historiadores a chamavam de *Luz da Ásia*” (MESTERS e ORFINO, 2003, p. 125)

Ao mesmo tempo, a cidade era também admirável núcleo cristão, pois foi parte do apostolado paulino na Ásia Menor. Exatamente em “sua segunda viagem missionária que Paulo fundou uma Igreja em Éfeso” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 22).

Jesus é apresentado como “aquele que protege, recompensa e, ao mesmo tempo, repreende a Igreja, apresentando-se como Senhor da comunidade” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 22). Dessa forma, vê-se que, a Igreja não pode ser refletida a partir de si, mas como servidora de Jesus. Este Jesus anda em meio aos sete candelabros de ouro (Ap 2,1), mostrando assim, que “sua presença é contínua e permanente e, por isso, dá sentido à comunidade” (ROSSI e PERONDI, 2021, p.

22). Logo, qualquer atividade da Igreja, deve estar primariamente e centralizada em Jesus e não olhando para suas próprias prerrogativas.

Em sequência, a carta introduz uma mensagem de reconhecimento a partir da perseverança (επιμονή – termo que aparece duas vezes) e resistência da comunidade. Diante dos falsos apóstolos, a comunidade os colocou à prova e perceberam que se tratavam de mentirosos. Consistiam em falsidade, pois os únicos apóstolos, de acordo com o Apocalipse, são os doze (18,20; 21,14).

De acordo com Collins (2011, p. 845), muitos comentaristas antigos “ligavam este grupo ao prosélito Nicolau de Antioquia, o qual, segundo At 6,5, tornou-se diácono cristão em Jerusalém. Os comentaristas modernos tendem a rejeitar esta interpretação como uma suposição. O nome talvez seja alegórico, significando ‘conquistador (es) do povo’”, ou seja, os que conquistam, seduzem, confundem o povo. Estes podem ser os nicolaítas ou os que pregam a doutrina deles.

Quando aparece a censura e reprovações, na expressão “devo reprovar-te” (Ap 2,4 ), que também aparece em 2,14.20, ela “não pretende ser uma sentença judicial, mas a explosão de um dos dois ‘parceiros’ que coloca diante do outro uma questão importante sobre a qual se debruçar e ser comunidade (o crente solteiro) deixou definhar o seu primeiro amor para com Jesus (o teu amor - o primeiro! - deixa-te ir)”<sup>19</sup> (VANNI, 2018, p. 116). Ou seja, esse amor regrediu, perdeu o nível elevado do primeiro amor, aquele oriundo do primeiro encantamento, da elementar descoberta.

O chamado à Igreja é para que ela volte ao primeiro amor, ao nível de comprometimento e responsabilidade de antes, pois do contrário, o anjo diz: “virei a ti e, caso não te convertas, removerei teu candelabro de tua posição” (Ap 2,5b). Esta é uma frase forte e “assume o tom de uma ameaça: a exclusão da igreja-lâmpada de Éfeso de seu lugar natural, ou seja, daquele circuito vital constituído pelo conjunto

---

<sup>19</sup> *Non vuole essere una sentenza di tribunale, ma lo sfogo di uno dei due "partner" che pone davanti all'altro una questione importante sulla quale soffermarsi e da risolvere*<sup>46</sup>: *la comunità (il singolo credente) ha lasciato inaridire il suo primo amore verso Gesù (il tuo amore – primo! – lasciasti andare)* (tradução livre).

das comunidades (sete lâmpadas de ouro) em meio às quais Jesus se move ativamente”<sup>20</sup> (VANNI, 2018, p. 118).

E o que seria este candelabro, esta lâmpada? A imagem do candelabro “lembra o candelabro com sete lâmpadas de Zc 4,2, que é a presença divina” (PERKINS, 2013, p. 361). Para Rossi e Perondi (2021, p. 22-23), “os candelabros são descritos a partir de uma dupla função: são portadores de luz para iluminar, mas, também, eles são iluminados (Ef 1,17-18). A imagem fala por si mesma, ou seja, aquele que é iluminado pela luz divina também deve se tornar luz de Deus”. E para Vanni (2018, p. 118), o significado “corresponde a uma igreja compreendida em sua concretude histórico-geográfica<sup>21</sup>”. Portanto, esta comunidade importante, “ao deixar de iluminar, negando, assim, sua função fundamental, sonega-se ao outro a possibilidade de sair das trevas e caminhar em direção à luz” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 22).

Esta igreja, então, “corre o risco de não perder sua notoriedade, mas até mesmo ser marginalizada da vitalidade da igreja em geral; corre o risco de se tornar uma igreja interior morta. A ameaça aparece claramente hiperbólica e revela a reação exasperada de um amor traído<sup>22</sup>” (VANNI, 2018, p. 118). Se a Igreja perde a sua proeminência, já não terá mais nada nem legitimidade para se expressar na sociedade.

Os cristãos, a Igreja, as comunidades terão tribulações (1,9) e tentações, mas se lutarem e vencerem por meio da perseverança (2,2.3) e constância, terão grande recompensa. O vencer é “prevalecer na batalha, em jogos atléticos ou em qualquer competição. No Ap, simboliza o alvo de prevalecer na batalha contra Satanás que Deus, o Jesus glorificado, o Espírito e os fiéis estão travando” (COLLINS, 2011, p. 846).

---

<sup>20</sup> Assume il tono di una minaccia: l'esclusione della chiesa-lucerniere di Efeso dal suo luogo naturale, cioè da quel circuito vitale costituito dall'insieme delle comunità (sette lucernieri d'oro) in mezzo al quale Gesù si muove ativamente (tradução livre).

<sup>21</sup> Corrisponde a chiesa intesa nella sua concretezza storico-geografica (tradução livre).

<sup>22</sup> Rischia non di perdere la sua notorietà, ma addirittura di essere emarginata dalla vitalità della chiesa in generale; rischia di divenire una chiesa morta interiormente. La minaccia appare chiaramente iperbolica e rivela la reazione esasperata di un amore tradito (tradução livre).

É prevalecendo na batalha que se ganha o que o Anjo promete: comer da árvore da vida. Esta expressão “aparece também em apocalipses judaicos do século I. Mostra que a salvação inverte a maldição de Adão” (PERKINS, 2013, p. 362).

“Se em Gênesis se lê que Adão foi expulso do Jardim do Éden por causa de seu pecado, impossibilitando que tivesse acesso à árvore da vida, na nova Jerusalém a árvore da vida reaparecerá, plantada junto ao rio da vida, e terão direito de comer de seu fruto” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 24). Quem terá esse direito? Os que lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do cordeiro (Ap 7,14), os vencedores.

Diante dos perigos dos falsos apóstolos e da perda do primeiro amor, a Igreja de Éfeso estava perseverante e não esmoreceu. Perante o alerta de Cristo, tenta retomar o primeiro amor, pois sabe que a imortalidade que foi perdida, será recuperada pela graça de Jesus. Basta continuar na perseverança, ter atenção aos falsos apóstolos e viver com radicalidade o amor que Jesus lhes mostrou.

## 2.2 A IGREJA DE ESMIRNA E A TRIBULAÇÃO

Segundo Perkins (2013, p. 362), “Esmirna era uma cidade relativamente nova ao norte de Éfeso. Tinha uma população judaica de bom tamanho”. A sua distância em relação a Éfeso era de 50 quilômetros. Nela, nasceu Homero, ilustríssimo poeta da Grécia Antiga, o que trazia importância para a cidade. Contava com cerca de duzentos mil habitantes no primeiro século. “Por causa de sua localização invejável, ficou conhecida como a ‘beleza da Ásia’ e se tornou uma cidade rica e um célebre centro de culto ao imperador romano” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 25).

No início, o autor diz que conhece a tribulação da comunidade e a sua pobreza. Um dado curioso é que nesta igreja, “a simples sobrevivência era uma séria dificuldade por causa da falta de alimentos. Eram pobres, não por vontade divina, mas por um tipo de pobreza provocada pela perseguição de Domiciano que ocasionava o confisco dos bens e das propriedades dos cristãos” (ROSSI e



PERONDI, 2021, p. 25). Mas, mesmo diante dessa pobreza, ela era rica, pois tinha grande abundância espiritual.

A carta mais adiante, pretende animar e encorajar a comunidade que tem passado por tribulações: “Não tenhas medo dos sofrimentos que vais passar” (Ap 2,10a). Quais são essas tribulações? Segundo Vanni (2018, p.123), “tribulação é a dificuldade causada pela pressão do ambiente em que a comunidade vive. Esta pressão, enquanto acompanha a vida da Igreja como uma constante, chegará em algum momento ao máximo, empurrando assim para o esplendor decisivo (martírio e equivalente)”<sup>23</sup>, que é a grande tribulação (cf. 7,14).

Além da tribulação, a comunidade vê a blasfêmia por parte de alguns judeus, o que na verdade é uma sinagoga de satanás. Quando o autor usa este termo (sinagoga de satanás), tem a intenção de alertar a comunidade para alguns perseguidores que blasfemam e mentem: tornando-se acusadores de seus irmãos. Para Vanni (2018, p. 125), eram alguns judeus que se colocam na esfera do demoníaco, de Satanás (acusador). Consequentemente, o encontro de alguns judeus e cristãos em vez de ser a sinagoga do Senhor agora se torna uma sinagoga de Satanás. Também, “é possível que alguns cristãos procurassem escapar à perseguição, seguindo os costumes judaicos” (PERKINS, 2013, p. 362), e “o ataque à comunidade judaica local como ‘sinagoga de Satanás’ mostra que os judeus e os cristãos locais eram pelo menos hostis uns aos outros e provavelmente estavam envolvidos num conflito” (COLLINS, 2011, p. 846). Esse era um dado tão latente que segundo Perkins (2013, p. 362), quando o bispo, “Policarpo, sofreu o martírio em 155 d.C. a culpa foi atribuída a conflitos entre cristãos e judeus”.

Tais conflitos e hostilidades entre ambos pode ter começado, também, quando o culto ao imperador começou a ser obrigatório para todos os habitantes do império. Rossi e Perondi (2021, p. 25), apontam para este dado. No viés deles

A Igreja viveu um processo de oposição e de perseguição, que a levou a ser conhecida pelo epíteto de Igreja sofredora, por causa dos inúmeros martírios daqueles que se recusavam a reconhecer César como Senhor.

---

<sup>23</sup> *La tribolazione è la difficoltà causata dalla pressione dell'ambiente in cui la comunità vive. Tale pressione, pur accompagnando come una costante la vita della chiesa, arriverà in qualche momento a un massimo, spingendo così alla radicalità decisiva (martirio ed equivalente)* (tradução livre).

Não era possível servir a dois senhores, como o próprio Jesus já havia ensinado aos seus discípulos.

Servir ao imperador era o mesmo de servir ao diabo e alguns judeus pregavam, não a unidade, mas uma sinagoga de satanás. Logo, os cristãos viviam num fogo cruzado. Além do mais o diabo iria lançar alguns na prisão (Ap 2,10b). O diabo aqui, na ideia de Collins (2011, p. 846), “‘o caluniador’, é idêntico a Satanás, ‘o adversário’. Por trás dos seres humanos que se opõem aos seguidores de João, o chefe dos espíritos maus é visto como o poder e agente último”.

Esta tribulação com prisão seria de dez dias. No entender de Vanni (2018, p. 126-127),

Qualquer que seja a duração puramente cronológica da prisão que se possa vislumbrar, ela estará sempre sob o cuidadoso controle de Deus. Mesmo que objetivamente negativo, esse fato tem sua implicação positiva: tem como finalidade imediata essa consolidação, essa essencialidade que vem alcançado, aceitando e suportando a contraposição. É a tentação na perspectiva da funcionalidade positiva. O imperativo, próprio de Jesus ressuscitado que fala e realiza o que expressa, quer consolidar a comunidade e torná-la perseverante; é a parte positiva de não ter medo algum<sup>24</sup>.

A tribulação será passageira. Portanto os fiéis devem ser perseverantes. Este é o objetivo da carta para esta Igreja: encorajá-la para viver na perseverança, visto que mais sofrimentos virão a ela. Por isso é que “a fidelidade que a Igreja de Esmirna, revigorada, deve realizar e consolidar, é a adesão ao Ressuscitado, que deve perdurar por toda a existência terrena e que deve ter uma intensidade tal que

---

<sup>24</sup> *Qualunque sia la durata puramente cronologica della prigionia che si intravede, essa sarà sempre sotto il controllo attento di Dio. Anche se di carattere oggettivamente negativo, questo fatto ha il suo risvolto positivo: ha, come scopo immediato, quel consolidamento, quella essenzialità che vengono raggiunti, accettando e sopportando la contrapposizione. E la tentazione nella prospettiva di una funzionalità positiva. L'imperativo, proprio di Gesù risorto che parla e realizza ciò che esprime, vuole consolidare la comunità e renderla perseverante; è la parte positiva del non temere assolutamente, (tradução livre).*

seja comparável, também em termos de desafio, à morte”<sup>25</sup> (VANNI, 2018, p. 127). Portanto, os cristãos devem ser fieis até a morte, pois a morte a ser temida é a eterna (segunda morte). E como se pode evitá-la? Perseverando diante do sofrimento.

Quando se diz “mostra-te fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida” (2,10b), revela a recompensa devida à fidelidade dos santos. Na perspectiva de Rossi e Perondi (2021, p. 26), “Jesus oferece ao vencedor na batalha da vida cristã uma coroa incorruptível, não como aquela que era entregue nos jogos aos vencedores. Uma coroa que significava a vida eterna em plena comunhão com Deus”. Tal imagem é bem singular e “pode ser uma combinação da coroa de ouro colocada na cabeça do justo (Sl 21,4) e do SENHOR como coroa de esperança (Is 28,5)” (PERKINS, 2013, p. 362). Além dessas ideias, no Novo Testamento, podemos encontrar mais citações sobre esta temática de coroa: coroa imperecível (1Cor 9,25), coroa de justiça (2Tm 4,8), coroa da vida (Tg 1,12) e, também, a coroa da glória (1Pd 5,4).

A Igreja de Esmirna traz um marco: a tribulação. Ela nos ensina que, perseverando, a coroa da vida será adquirida e que a segunda morte jamais será experimentada. É preciso correr atrás dessa coroa e não temer a primeira morte, que é apenas uma passagem. No fim de tudo, Deus recompensará, pois ele nos conhece segundo nossas obras. Na tribulação, a fidelidade deve ser intrépida até a morte.

### 2.3 A IGREJA DE PÉRGAMO E A AMEAÇA DO SINCRETISMO

De acordo com o estudioso PERKINS (2013, p. 362), “Pérgamo era cidade importante da Ásia Menor. Seu famoso templo dedicado a César ficava em uma alta colina terraplenada. A cidade era conhecida pela devoção ao culto de Augusto César e da deusa Roma”.

---

<sup>25</sup> *La fedeltà che la chiesa di Smirne, rinvigorita, deve realizzare e consolidare, è l'adesione al Risorto, che deve protrarsi per tutto l'arco dell'esistenza terrena e che deve avere un'intensità tale da essere paragonabile, in termini anche di sfida, alla morte* (tradução livre).

O problema dessa igreja é o risco de se tornar sincrética. Segundo o dicionário Mini Aurélio, sincretismo é a “fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns traços originários” (FERREIRA, 2010, p. 701). Trazendo para o dado religioso, seria uma mistura de elementos religiosos, crenças numa só doutrina. Este é um perigo que sempre ronda aqueles que trilham o caminho da luz e da verdade. E não só aquela época, como também hoje há esse risco, pois ele é muito sutil. E se não houver vigilância, as ações dos que creem em Jesus podem se misturar, compactuando com outras visões que deturpam a fé cristã.

O autor sagrado diz que a Igreja mora aonde está o trono de Satanás (Ap 2,13a). O que seria esta expressão? Este trono “tem sido interpretado de modo variado como o altar dedicado a Zeus na acrópole de Pérgamo, o santuário de Asclépio, o templo dedicado a Roma e Augusto, e a sede do governador romano” (COLLINS, 2011, p. 846). Para Rossi e Perondi (2021, p. 27), esse seria uma expressão que “possivelmente está ligada não só ao aspecto geográfico (formato da colina), mas também ao fato de a cidade ser a capital do paganismo asiático”. Provavelmente essa foi a causa da morte do mártir Antipas: a recusa de participar de alguma forma desse culto cívico romano: adorar divindades pagãs. Ele que era a “testemunha fiel” (Ap 2,13b) de Cristo. “A palavra ‘testemunha’ sugere que Antipas foi preso e interrogado pelo governador romano [...] O ‘trono de Satanás’, então, é o tribunal do governador romano” (COLLINS, 2011, p. 847).

Isso mostra uma qualidade da Igreja: fidelidade e conservação do nome de Jesus. Mesmo estando no centro do paganismo, os seguidores de Jesus permanecem fiel ao seu projeto de vida. Contudo, a Igreja é censurada por alguns adotarem a doutrina dos nicolaítas, os adeptos da doutrina de Balaão. Esta

Expressa-se uma relação tipológica entre o mestre rival de João e o adivinho cananeu cuja interação com o antigo Israel é contada em Nm 22-24, o qual ensinava Balac a lançar uma pedra de tropeço aos filhos de Israel: esta é uma alusão a Nm 31,16, que sugere que Balaão e Balac incitaram os israelitas a se casarem com moabitas e a adorarem seus deuses (COLLINS, 2011, p. 847).

Na visão de Vanni (2018, p. 133), “Balaão, portanto, aparece como aquele que, em contradição com sua atividade de profeta-adevinho, sugere ao rei Balaque atrair os israelitas com a sedução feminina e levá-los a adorar outros deuses”<sup>26</sup>.

O que esse grupo pessoas, nicolaítas, adeptos da doutrina de Balaão, fazia? Proclamava que não existiria problema em ser leal a Jesus e, juntamente, participar dos festins destinados aos ídolos. Com isso, “grande parte da Igreja havia perdido sua capacidade de dizer não à cultura circundante, ou seja, não havia diferença entre viver o projeto de Jesus ou o projeto da cultura greco-romana” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 27). O autor usa para isso a expressão “prostituição”, ou seja, desviar o coração de Deus, deixar-se ser seduzido por outras divindades. Quem explica bem isso é Collins (2011, p. 847):

No AT, a imoralidade sexual é uma metáfora para idolatria. O termo é muitas vezes usado metaforicamente no Ap (14,8; 17,2.4; 18,3.9; 19,2). Ele é usado literalmente em apenas uma passagem (9,21); mesmo ali a imoralidade sexual está intimamente ligada à idolatria (v. 20). O significado metafórico aqui é participar em culto não cristão e não judaico ou associar-se a gentios de um modo que pareça implicar participação em seu culto.

Para Collins (2011, p. 847), este é o ponto nevrálgico dos problemas: “Poderia um cristão comprar, no mercado, alimento que talvez procedesse de um animal sacrificado a uma divindade greco-romana ou asiática?” Se assim o fizesse, estaria se prostituindo, desviando seu coração, se corrompendo. É isso que Perkins (2013, p. 362) afirma:

A condenação por comerem as “carnes sacrificadas aos ídolos” talvez indique a participação em, por exemplo, banquetes cerimoniais. A participação ostensiva livraria esses cristãos de perseguição. Eles podem ter achado que tais ritos não eram culto, pois não acreditavam que o imperador era divino. O Apocalipse inverte essa avaliação. Toda forma de participação no culto imperial é culto de Satanás.

---

<sup>26</sup> *Balaam, perciò, appare come colui che, in contraddizione con la sua attività di profeta-indovino, dà il suggerimento al re Balak di attirare gli Israeliti con la seduzione femminile e di portarli ad adorare altri dei* (tradução livre).

Então é feita a exortação: Converte-te! Pois este é o caminho. E se assim o fizerem, ganharão a recompensa que são o “maná e uma pedrinha branca com um nome novo que ninguém conhece, a não ser quem a recebe” (Ap 2,17). O maná é visto, como elucida Perkins (2013, p. 362), sendo a “prefiguração da Eucaristia, que, por sua vez, prefigura o banquete messiânico final com Cristo no céu”. O nome novo recebido pelo vencedor “faz parte da vitória de Cristo quando ele comerá o banquete celeste. Por enquanto, o maná e o nome novo estão escondidos no céu, mas isso não deve fazer os cristãos abandonarem sua gloriosa salvação” (PERKINS, 2013, p. 362).

É interessante o que alguns autores dizem sobre as pedras brancas (Ap 2,17). Elas “eram utilizadas como um tipo de ‘convite’ para banquetes ou espetáculos. Assim, os portadores de uma pedra branca tinham seus nomes nela gravados para indicar que realmente haviam sido convidados” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 28).

Sobre essa expressão, Vanni (2018, p. 139) discorre que “a pedra branca com o novo nome escrito insere-se no contexto de uma dádiva de amor, constitui uma verdadeira promessa de casamento precioso, repleto de toda a emotividade típica do primeiro amor e, na sua particularidade, exprime uma reciprocidade única e exclusiva”<sup>27</sup>. Também é necessário recordar que, “na Bíblia, ter um novo nome escrito simbolizava o início de um novo e substancial relacionamento” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 28).

Em suma, vemos um grupo tentando dialogar com a sociedade na qual estava inserido, e isso caminha num certo sincretismo. Os cristãos de Pérgamo, correm o risco de serem corrompidos pelo ensinamento sincretista. O que fazer? Manter-se fiel e conservar o nome de Jesus, sempre na vigilância.

## 2.4 A IGREJA DE TIATIRA: O RISCO DAS FALSAS DOUTRINAS E DESVIOS MORAIS

---

<sup>27</sup> *La pietruzza bianca col nome nuovo scritto rientra nel contesto di un regalo di amore, costituisce un vero e proprio pegno di fidanzamento prezioso, carico di tutta l'emotività tipica del primo amore e, nella sua particolarità, esprime una reciprocità unica ed esclusiva* (tradução livre).

Perkins (2013, p. 362) traz um panorama dessa cidade: “Ela era menos importante que as três anteriores. Seus cidadãos haviam perdido a licitação para que o templo imperial fosse construído ali em vez de em Pérgamo”. Nos dados de Rossi e Perondi (2021, p. 29), esta cidade

Foi fundada no ano de 280 a.C. e se tornou uma importante cidade sob o domínio dos romanos, por conta de sua florescente indústria e associações de operários. Das sete cidades, era a menor, e nela também se encontravam templos dedicados aos mais variados deuses.

A carta à comunidade desta cidade, já no início, aponta o reconhecimento de Cristo para com a conduta da Igreja: “Conheço tua conduta: o amor, a fé, a dedicação, a perseverança e as tuas obras mais recentes, ainda mais numerosas que as primeiras” (Ap 2,19). É uma palavra de ânimo por causa de seu grande dinamismo. “É possível reconhecer que era uma Igreja profundamente amorosa e que demonstrava atos de misericórdia e de bondade [...] Era uma Igreja diaconal em seu alcance público de serviço ao próximo, atingindo os órfãos, as viúvas e os pobres através do amor” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 29).

Em seguida o autor sagrado menciona um “mas” no contexto e já chama a atenção, pois a comunidade está tolerando uma mulher chamada Jezabel, que seduz e faz os outros se prostituírem. Como visto anteriormente, a imoralidade sexual, nas tradições judaicas, refere-se à idolatria. Então, essa mulher, que é, “como a mulher pagã do rei Acab, que fez o marido cultuar o deus pagão Báal (Izébel: 1Rs 16,31)” (PERKINS, 2013, p. 362), é a responsável pela confusão na comunidade, trazendo falsas doutrinas.

A palavra de advertência contra ela é bastante dura: “Reprovo-te, contudo, pois dixas em paz Jezabel...” (Ap 2,20a), que, como vimos, faz menção à rainha idólatra e imoral (cf. 1Rs 16,31), “simboliza, portanto, o mal assumido como fazendo parte da vida cotidiana e que não mais incomoda e, por isso, pode ser tolerado, aceito e, finalmente, promovido no interior da própria comunidade” (ROSSI e

PERONDI, 2021, p. 29), o que é um grande erro. O cristão, o que tem a vida nova em Cristo não pode se desviar na sua moral nem se somar com as falsas doutrinas.

Mas outros autores analisam de um modo mais profundo a situação dessa figura emblemática. É certo que esta personagem feminina do Antigo Testamento é a que adentra o gentilismo a Israel. Ela era a esposa de Acab, do reino do norte e mais tarde se tornou, na Bíblia, uma figura negativa, a que corrompe. Contudo, Vanni (2009, p. 46), afirma que

Essa interpretação parece muito restritiva: mais provavelmente Jezabel buscou um diálogo com os pagãos, ou manteve uma atitude semelhante, em alguns aspectos, à da SS. Paulo em relação aos gentios. O autor parece não apreciar o resultado dessa atitude e condena com veemência a profetisa Jezabel, que ensina a falsidade e, como lemos mais adiante, engana os meus servos' (2,20)<sup>28</sup>.

Em todo caso, o que o autor sagrado diz é que, os seguidores dessa falsa profetiza, devem se arrepender, pois “nada pode ser escondido de Deus, que tudo sabe (Jr 17,10). A violência dos castigos contra a mulher e seus seguidores corresponde à gravidade do pecado deles, pervertendo o verdadeiro dom da profecia” (PERKINS, 2013, p. 362). Os que resistirem a ela e seus filhos, “participarão não só da celebração da vitória, mas também do poder de Cristo sobre as nações” (PERKINS, 2013, p. 362).

O autor sagrado, finalizando a carta à esta Igreja, aponta para o dado da perseverança. Diz-lhes para permanecerem firmes: “O que tendes, todavia, segurai-o firmemente até que eu venha” (Ap 2,25). Este “imperativo de Jesus, devidamente recebido, produz na igreja essa capacidade de perseverança, que deve durar indefinidamente, até a consumação”<sup>29</sup> (VANNI, 2018, p. 151)

---

<sup>28</sup> *Questa interpretazione sembra molto restrittiva: più probabilmente Gezabele ha cercato un dialogo con i pagani, o ha tenuto un atteggiamento simile, sotto certi aspetti, a quello di sS. Paolo riguardo ai gentili. L'autore non sembra gradire l'esito di tale atteggiamento e condanna in maniera molto forte la profetessa di nome Gezabele, che insegna il falso e, come si legge più avanti, «fuorvia i miei servitori» (2,20) (tradução livre).*

<sup>29</sup> *L'imperativo di Gesù, adeguatamente recepito, produce nella chiesa questa capacità di perseveranza, che dovrà protrarsi indefinidamente, fino al compimento (tradução livre).*



Ainda de acordo com Vanni (2018, p. 151), “o vencedor deve, portanto, fazer sua a atividade de Jesus Cristo que é a destruição do mal; ao lado dele e junto com ele, compromete-se a vencer as forças negativas hostis como ele (cf. 3.21)”. Quem se conserva nos passos do Cristo e nos seus ensinamentos é permitido algo estupendo e único: “um poder de submissão às forças hostis”<sup>30</sup> (VANNI, 2018, p. 151). Além disso a promessa ao vencedor “faz uso da imagem de um salmo real (Sl 2,8-9). A mesma imagem é usada para descrever a obra de Cristo em 12,5; 19,15” (COLLINS, 2011, p. 848).

Enfim, “tudo o que pertence e diz respeito à comunidade é seguido por Jesus com atenção e cuidado: ele vê, perscruta o homem nas raízes do seu ser; mas essa interioridade terá que ser traduzida em termos de comportamento, pois somente assim se poderá realizar a reciprocidade de Jesus”<sup>31</sup> (Vanni, 2018, p. 148). A comunidade sabe o caminho a ser seguido. Mudar de comportamento e manter a perseverança. Para isso, basta ouvir o que o Espírito diz à ela.

## 2.5 A IGREJA DE SARDES E O RISCO DE UMA RELIGIÃO DE APARÊNCIAS

Sardes é uma cidade que, na época de João, não tinha muita expressão. Apesar de ser uma cidade pequena, no passado ela foi gloriosa e por isso vivia num saudosismo retrógrado. Mesters e Orfino (2003, p. 147) nos dão um panorama histórico:

Vários séculos antes, tinha sido capital do reino da Lidia. Depois de conquistada pelos persas no século V aC, a cidade perdeu sua importância. Até 188 aC pertenceu aos reis Selêucidas. Depois foi conquistada pelo rei

---

<sup>30</sup> *Il vincitore deve, quindi, fare sua l'attività propria di Gesù Cristo cioè la distruzione del male; accanto a lui e insieme a lui, si impegna a vincere come lui (cfr. 3,21)... Al vincitore, che ha fatto sua e conserva l'attività propria di Cristo, viene promesso un potere di sottomissione nei riguardi delle forze ostili* (tradução livre).

<sup>31</sup> *Tutto quello che appartiene e riguarda la comunità è seguito da Gesù con attenzione e premura: egli vede, scruta l'uomo nelle radici del suo essere; ma questa interiorità dovrà essere tradotta in termini di comportamento, in quanto solo così potrà essere realizzata la reciprocità da parte di Gesù* (tradução livre).

de Pérgamo, que a legou ao Império Romano em 133 aC. Esta troca de donos mostra que a cidade foi invadida e conquistada várias vezes, apesar de suas muralhas protetoras. Diziam que era devido à pouca vigilância de seus habitantes. A cidade foi destruída por um terremoto em 17 dC e reconstruída pelo Imperador Tibério.

Além disso, ela tinha um “porto famoso pelo reembarque de artigos de lã” (PERKINS, 2013, p. 363). Há aqui a possibilidade daquilo que é dito no versículo 5: “o vencedor se trajará com vestes brancas” (cf. Ap 3,5), fazendo assim, menção ao comércio de lã da cidade.

Nas primeiras linhas da carta aprece uma incisiva exortação: “Vigia! Reaviva o que te resta, e que está para morrer” (Ap 3,2a). De acordo com Rossi e Perondi (2021, p. 31), para esta Igreja aparece uma dupla acusação:

Suas obras não foram consideradas completas, ou seja, o modo como os irmãos e irmãs viviam deixava muito a desejar. Não adianta falar muito e fazer quase nada; não adianta ter uma aparência de dedicação e, de fato, fazer muito pouco. Reputação jamais será suficiente. E a segunda acusação é a de que muitos eram acometidos de uma preguiça espiritual e, por isso, caíam num relaxamento dos princípios do Reino de Deus.

De fato, “não temos certeza do que teria dado a este lugar a fama de ‘estar vivo’, embora esteja realmente morto. Talvez os cristãos dali fossem conhecidos pelo entusiasmo ou pelos dons espirituais” (PERKINS, 2013, p. 363), mas que naquele momento estavam vivendo uma grande apatia, pois suas obras não estavam expressando vitalidade. A Igreja estava enfraquecida, ou seja, encontrava-se numa situação de letargia, de morte. Contudo, esta “situação de morte da igreja, no sentido da falta de vida e vitalidade própria de Jesus ressuscitado, não é ainda total. A comunidade assumiu esse risco, mas houve e está em curso um certo movimento de recuperação, que precisa ser consolidado”<sup>32</sup> (VANNI, 2018, p. 154).

A carta aconselha àquele povo para terem atenção aos mandamentos. Se não se converterem perderão tudo, pois as suas obras não têm sido obras de

---

<sup>32</sup> *La situazione di morte della chiesa, nel senso della mancanza di vita e vitalità proprie di Gesù risorto, non è ancora totale. La comunità ha corso tale rischio, ma c'è stato ed è in atto un certo movimento di ripresa, che deve essere consolidato* (tradução livre).

crístãos. Entretanto, há remanescente fiel. “Entre os que estavam para morrer (v. 4), havia um grupo que não sujara as roupas. É interessante observar que o Espírito Santo vê, nesse grupo remanescente, o fermento que deveria ser consolidado (v. 2)” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 30).

A estes, os perseverantes, os que não se mancharam, terão a recompensa. E esta recompensa/promessa, tem um dado curioso:

Cada uma das promessas aos fiéis contém uma advertência aos que não são fiéis. Eles poderão ter o nome apagado no livro da vida. O autor lembra os de dois ditos de julgamento atribuídos a Jesus. Ele renegará todo aquele que o tiver renegado (Mt 10,33). Devem vigiar pois não sabem quando o ladrão vem, de noite (Mt 24,42-44; também como advertência de julgamento iminente em 1Ts 5,2) (PERKINS, 2013, p. 363).

Além disso, é tratado acerca o livro da vida e as vestes brancas. O que significaria ter o nome no livro da vida? Na perspectiva de Collins (2011, p. 848), trata-se de “uma lista de nomes das pessoas que sobreviveriam à manifestação da ira de Deus (Mt 3,16-4,3); no Ap, uma lista das pessoas que entrarão na nova Jerusalém (21,27)”.

No que tange às vestes, o mesmo autor aponta para o seguinte: “vestes sujas podem ser um símbolo geral para a pecaminosidade (cf. Zc 3.3-5). Uma outra possibilidade é que as vestes limpas simbolizem a purificação e o novo começo do batismo, que alguns em Sardes mantiveram” (COLLINS, 2011, p. 848).

Diante de tudo isso, fica em evidência o risco da Igreja de Sardes em manter uma religiosidade de aparências. A comunidade se esfriou diante de sua caminhada, esmoreceu diante do seu ânimo. Qual o caminho? O anjo diz em tom imperativo: Vigia! Reaviva! (cf. Ap 3,2). De fato, uma religião de aparência só serviria para semear a hipocrisia e o contratestemunho.

## 2.6 A IGREJA DE FILADÉLFIA E A PERSEVERANÇA NO SOFRIMENTO

Nos dados de Mesters e Orfino (2003, p. 155) temos que

Filadélfia era uma pequena cidade na estrada que ligava Sardes a Colossas. Foi chamada assim por causa do fundador Átalo Filadelfo, rei de Pérgamo, por volta de 140 aC. Juntamente com o reino de Pérgamo, a cidade passou para o poder romano em 133 aC [...] Era uma cidade pelega que, ao longo de sua história, mudou várias vezes de nome só para poder agradar aos imperadores romanos. Além do nome Filadélfia, chegou a chamar-se Neocesaréia e Flávia. O maior templo de Filadélfia era dedicado a Jano, divindade romana. Era Jano que decidia se o ano seria de paz ou de guerra. Quando havia paz, os romanos mandavam fechar as portas do templo de Jano.

Há um outro dado interessante sobre suas características históricas e geográficas. “A cidade havia sido planejada num lugar estratégico, a fim de facilitar a penetração da cultura e do comércio grego no interior da Ásia. Assim, Filadélfia era uma verdadeira ‘porta’ em direção aos bárbaros, que queria conquistar e influenciar, isto é, uma porta aberta para os bárbaros” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 31). E esta imagem é utilizada na carta. A comunidade dos que guardam a palavra de perseverança de Cristo (Ap 3,10), é a porta que ele abre e ninguém fecha ou fecha e ninguém abre.

Ele abriu uma porta para a comunidade que ninguém poderá fechar. E como ainda a porta está aberta, é certo que a comunidade, desde que resista, persevere, poderá se salvar. Essa expressão, de acordo com Perkins (2013, p. 363), é para mostrar que Jesus é da descendência de Davi: “O Apocalipse alude a diversas profecias messiânicas para provar que Jesus é o verdadeiro sucessor de David. Is 22,22-25 parece ser a passagem mais próxima dessa profecia, pois refere-se à chave e à porta aberta” (cf. Ap 3, 7b).

Quando o autor diz que ela tem pouca força (Ap. 3, 8b), não quer dizer que seja fraca na fé, mas que “a ausência de qualquer forma de triunfalismo e a consciência objetiva e aceita da própria fraqueza em termos de eficiência humana constituem, para a Igreja, sua ‘pobreza’ e tornam-se um espaço de disponibilidade

que é imediatamente ocupado pelos dons do Ressuscitado<sup>33</sup> (VANNI 2018, p. 167). Esta igreja é forte, pois sua fraqueza é esvaziar-se de si mesma, assim como Paulo disse aos Coríntios: “Quando sou fraco é que sou forte” (2Cor 12,10b). É na fraqueza que a graça de Deus atua, pois há espaço para Ele agir.

Diante de sua fraqueza, que é porta de acesso à Deus, a comunidade apresenta-se com guardadora da Palavra de Deus. “Trata-se de não perder, nem rebaixar ou banalizar a palavra de Deus, expressa pelo testemunho de Jesus Cristo. A pobreza da igreja permitiu que esta palavra mantivesse toda a sua força de impacto e sua eficácia”<sup>34</sup> (VANNI, 2018, p. 167). E por isso, Jesus vai guardar esta comunidade. É a premissa: guarda a palavra e ela te guardará. “Aqui se destaca a reciprocidade entre Jesus e a comunidade de Filadélfia: a Igreja guarda a palavra de Jesus; Jesus, por sua vez (eu também) promete defendê-la, preservá-la no futuro (guardarei você [poupando você]) da prova decisiva que virá sobre a terra e afetará toda a humanidade<sup>35</sup>” (VANNI, 2018, p. 169).

No viés de Collins (2011, p. 848), esse compromisso, “não significa que os cristãos de Filadélfia serão resgatados dos sofrimentos do final dos tempos ou da morte, mas que a pessoa que fala os sustentará naqueles sofrimentos a fim de que possam perseverar” (COLLINS, 2011, p. 848), pois Ele vem logo. E o que fazer? Guardar bem o que recebeu (cf. Ap 3,11).

Indo adiante, na carta fica nítido mais um conflito entre judeus e cristãos. Alguns dizem que são judeus, mas não o são. E novamente aparece a expressão “sinagoga de Satanás”, que foi utilizada na carta à Pérgamo, aludindo ao culto imperial. É interessante notar nessas expressões que “os apocalipses desse tipo quase sempre designam os adversários de Deus por epítetos de Satanás. O uso de Satanás em ambas as cartas não significa que aqui o problema é igual ao de Esmirna” (Perkins, 2013, p. 363). De fato, este termo, na ideia de Rossi e Perondi

---

<sup>33</sup> *L'assenza di qualunque forma di trionfalismo e la consapevolezza oggettiva e accettata della propria debolezza sul piano dell'efficienza umana costituiscono, per la chiesa, la sua "povertà" e diventano uno spazio di disponibilità che viene subito occupato dai doni del Risorto* (tradução livre).

<sup>34</sup> *Si tratta del non perdere, né svilire o banalizzare la parola di Dio, espressa dalla testimonianza di Gesù Cristo. La povertà della chiesa ha permesso a questa parola di mantenere tutta la sua forza d'urto e la sua eficácia* (tradução livre).

<sup>35</sup> *Viene qui sottolineata la reciprocità tra Gesù e la comunità di Filadelfia: la chiesa mantiene la parola di Gesù; Gesù a sua volta (anch'io) promette di difenderla, di preservarla in futuro (ti manterrò [risparmiandoti]) dalla prova decisiva che verrà sulla terra e riguarderà tutta l'umanità* (tradução livre).

(2021, p. 31), “descreve a situação dos judeus que ainda não aceitaram Jesus Cristo e que continuam agarrados ao passado. Dessa forma, por sua oposição e, muitas vezes, perseguição aos cristãos, deixam de ser conhecidos como sinagoga de Deus para se converterem em sinagoga de Satanás”.

Diante da realidade complicada que a comunidade vive, a promessa vem acalentá-la: o vencedor será uma coluna no santuário de Deus no qual será gravado os nomes de Deus e da Jerusalém celeste e, também, o novo nome do Cristo (cf. Ap 3,12). Perkins (2013, p. 363), explica que “as promessas finais antecipam a vinda da nova Jerusalém, que concluirá a seção visionária do Apocalipse. Is 22,23 faz do servo messiânico um prego sólido no qual é possível pendurar todo o peso da casa de seu pai. Mais uma vez é prometido um nome novo ao vencedor”. E o nome dele é Jesus, o Vencedor, o Vitorioso, o Santo, o Verdadeiro.

Portanto, por meio de Jesus, os cristãos têm acesso a Deus, e ninguém pode privá-los desse acesso. Diante do exposto, encerramos – sem, contudo, concluir ou esgotar – essa parte de análise teológico-exegética das sete cartas às sete igrejas.

## 2.7 A IGREJA DE LAODICÉIA E O RISCO DA AUTOSSUFICIÊNCIA E DA TIBIEZA

Esta cidade, do ponto de vista geográfico, era muito importante na região da Frígia na Ásia Menor. Mesters e Orfino (2003, p. 161-162), traz o seguinte cenário: “ficava a meio caminho entre Colossas e Hierápolis. A região da Frígia, devido às águas termais de origem vulcânica, destaca-se como centro medicinal com médicos famosos e como produtora de pomadas para o ouvido e para os olhos, chamada *kolyrion*”. Além disso, ela era uma cidade “da província romana da Ásia, fundada no século III a.C., por Antíoco II. Por causa de sua localização privilegiada, era um centro comercial extremamente próspero e rico” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 32) e, ainda, que tinha uma indústria de vestuário.

Esta igreja, na qual a indiferença, a autossuficiência e a tibieza coexistem com a apostasia, recebeu uma carta com uma linguagem bem forte e direta. Na

referida epístola, não se apresenta nenhum ponto positivo, mas, pontua-se os defeitos e situações que precisam ser melhorados.

Após os títulos cristológicos, o autor já adentra na temática do frio, quente e morno. Na visão do estudioso Perkins (2013, p. 363), “no tempo de Paulo havia ali uma Igreja (Cl 4,13). Essa última carta é citada com mais frequência por suas metáforas de ‘mornidão’”. E a que se deve esse mornidão? Assim como as águas que chegavam em Laodiceia eram mornas, as pessoas daquela comunidade estavam mornas, tinham se estagnado e estavam sem vigor. Por isso João é categórico: “Não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca” (Ap 3, 15b-16).

Além de estar morna, a comunidade é apresentada como cega (Ap 3,17b). Mas é algo irônico. Pois a cidade era um centro medicinal para os olhos e ouvidos. O que João quis dizer com isso? Na concepção de ROSSI e PERONDI (2021, p. 33), “embora a cidade fosse considerada um grande centro médico e farmacêutico e fabricasse os melhores colírios, diante de Deus eles permaneciam como se estivessem cegos às realidades espirituais”.

Essa mornidão, essa cegueira, a falta de vigor vivenciada pela comunidade estava ligada à prosperidade material que eles possuíam. “Eles não são nem pobres nem sofrendores, mas essa prosperidade põe em perigo seu bem-estar espiritual” (PERKINS, 2013, p. 363). Eis um perigo que cerca os cristãos, assim como foi para aquele contexto, e ainda continuará sendo na atualidade. De fato, a prosperidade material deve nos dispor para sermos mais fraternos e solícitos e não tíbios, indiferentes e, ainda, leves com o mal que ronda. Uma noção disso é apresentado por Collins (2011, p. 849): “aparentemente os cristãos de Laodiceia eram ricos e possuíam uma posição social relativamente alta na cidade. Tendo uma posição social e econômica segura, eles se tornaram complacentes”.

Diante dessa arrogância e prepotência da comunidade (cf. Ap 3,17a), vem as advertências. Estas

Recorrem a diversas imagens do Antigo Testamento. Só de Jesus eles podem obter o ouro que passará no teste do fogo divino. Em Zc 13,9, o Senhor promete separar os maus dos bons entre seu povo, purificando-os como metal precioso [...] A promessa de vestes da salvação para cobrir a vergonha da nudez do povo refere-se não só à indústria de vestuário da

cidade, mas também à inversão de uma maldição profética: Deus despirá seus inimigos e exporá sua nudez vergonhosa (PERKINS ,2013, p. 363).

É por isso que Jesus, “o princípio da criação de Deus”, exorta e propõe o arrependimento da parte deles: “Esforça-te, pois, e converte-te” (Ap 3,19). Jesus, por amar aquela comunidade, a repreende e educa, pois não está nada contente com suas atitudes. Ele “está com nojo do cristianismo praticado em Laodiceia. Tratava-se de um tipo de vida cristã que deixava Jesus nauseado. Aparentemente a atitude presunçosa e abastada da cidade havia contagiado os cristãos (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 33).

Quando há acomodação na prosperidade financeira e no deleite material, ao invés de fazer a diferença no lugar que nos encontramos, ocorre o contrário: a diferença sobrevém em nós, nos deixamos influenciar. Isso aconteceu com os cristãos de Laodiceia. Eles “deixaram de fazer diferença na cidade sendo sal e luz do mundo. Por isso, precisavam de um novo tipo de pomada oftálmica, porque a pomada produzida na cidade não servia para curar a cegueira espiritual daquele lugar e daquelas pessoas” (ROSSI e PERONDI, 2021, p. 33). Advém essa realidade no momento em que nos deixamos levar pela autossuficiência e tibieza, esquecendo-nos que Deus é o Senhor de tudo e empregamos forças em riquezas que a traça corrói. É um grande risco para nós hoje, assim como foi para estes irmãos há quase dois mil anos.

No fim da carta aparece a promessa ao vencedor: sentar-se com Jesus e o Pai no trono (cf. Ap 3,21). Sobre essa figura importante, Vanni (2018, p. 188), diz o seguinte:

Aqui o autor usa o simbolismo antropológico da entronização: aquele que sobe ao trono e pode sentar-se nele expressa uma dignidade correspondente. Aquele que, colaborando com Cristo, for vitorioso junto com ele, poderá compartilhar seu próprio trono em um nível vertiginoso de igualdade e dignidade<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> *L'Autore usa qui il simbolismo antropologico dell'intronizzazione: colui che sale sul trono e vi si può sedere esprime con ciò una sua dignità corrispondente. Colui che, collaborando con Cristo, sarà vincitore insieme a lui, potrà condividere, a un livello vertiginoso di parità e di dignità, il suo stesso trono* (tradução livre).



Podemos dizer que esta última carta, no seu desfecho, traz o apogeu de todas as promessas feitas até aqui, pois esta, mostra a participação no triunfo que o “Amém, a Testemunha fiel” (Ap 3,14b) conquistou. É a imagem de Jesus vencendo a morte. Os que forem perseverantes, também vencerão e estarão no trono.

## 2.8 AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE E A IGREJA EM TEMPOS HODIERNOS

Após analisar cada uma das igrejas e seus aspectos, percebemos que há sete fatores que provocaram os seus problemas, conforme aponta Mesters e Orfino (2003, p. 166): “perseguição, cansaço, falsas lideranças, falsas doutrinas, infiltração conflitos sociais, conflito com os judeus, cansaço”. Também podemos fazer um breve resumo sobre elas:

Cada igreja recebe um julgamento baseado no pleno conhecimento de sua condição, tanto externa (há algumas referências tópicas) como espiritual. A igreja recebe louvor ou censura (ou ambas as coisas), geralmente com algumas qualificações, e nisto parece haver plano e progressão definidos. Éfeso recebe censura e aprovação; Esmirna, Tiatira e Filadélfia (os números pares) são, elogiadas – a última com acentuado fervor, ao passo que Pérgamo, Sardes e Laodicéia são censuradas – a última muito severamente. Suas principais faltas são resfriamento no primeiro fervor e declínio na caridade, juntamente com a indulgência em relação ao nicolaitismo ou concessões à seita, corrente herética de difícil identificação, mas que aparenta certa afinidade com o gnosticismo (HARRINGTON, 1985, p. 622).

Além deste sintético resumo, há um dado curioso e interessante que percebemos quando lemos estas cartas e analisamos o cotidiano de nossas comunidades. Vemos uma “situação humana bem normal: comunidades esforçadas, mas cheias de problemas e defeitos, onde o bem e o mal estão misturados” (MESTERS e ORFINO. 2003, p. 120). É a dinâmica do trigo e do joio (cf. Mt 13,29). Devemos saber conviver com os dois, para não correr o risco de querer arrancar o

joio, e acabar ceifando o trigo. Por isso que, na ideia de Vanni (2009, p. 46), há um caráter universal nessa perícopre, nesse setenário das cartas, pois,

O autor, tendo iniciado o discurso a partir da observação concreta das Igrejas com suas diferenças individuais, e apresentando as mensagens específicas dirigidas a cada uma delas, dá mais um passo: transforma a mensagem de 'particular' para 'universal'. O que acontece em Éfeso, Pérgamo ou em qualquer uma das sete Igrejas torna-se 'típico' para o quadro da Igreja universal, para a Igreja de todos os tempos<sup>37</sup>.

Assim, sendo dirigida para aquele povo, nosso irmão e para nós, vem o recado: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas". Todas as cartas são encerradas com essa expressão e com ela, "o grupo ouvinte é estimulado tanto a decodificar a mensagem expressa em termos simbólicos quanto a aplicar os resultados de forma prática à história"<sup>38</sup> (VANNI, 2018, p. 189).

E, é nessa perspectiva que, depois de termos analisado cada uma das igrejas e suas mensagens, veremos a aplicabilidade delas para a história. E, claro dirigindo os esforços à nossa realidade concreta, a partir da perseverança à qual os cristãos são chamados a experimentar.

---

<sup>37</sup> *L'autore, avviato il discorso dall'osservazione concreta delle Chiese con le loro singole differenze, e presentati i messaggi specifici rivolti a ognuna di esse, compie un ulteriore passaggio: trasforma il messaggio da «particolare» a «universale». Quello che accade a Efeso, a Pergamo o in una qualunque delle sette Chiese diventa «tipico» per il quadro della Chiesa universale, per la Chiesa di tutti i tempi* (tradução livre).

<sup>38</sup> *Il gruppo di ascolto è stimolato sia a decodificare il messaggio espresso in termini simbolici sia ad applicare praticamente alla storia quanto ricavato* (tradução livre).

### 3. CRER EM TEMPOS DE DIFICULDADES

É comumente apontado que é fácil crer ou fazer louvações quando tudo vai bem, em paz, sem preocupações e aflições. O desafio é crer quando tudo parece estar caminhado para o trágico e não ter perspectivas de saídas ou melhoras. De fato, crer em tempos de dificuldades exige uma profunda adesão à Jesus e cultivar no âmago do ser a virtude da perseverança, já que não basta apenas aderir, é necessário permanecer, perseverar.

As sete igrejas, às quais as sete cartas foram endereçadas, souberam bem seguir essa premissa, como vimos no capítulo anterior. É por isso, que diante de todas as cruzes e crises, juntamente com as alegrias e conquistas, cada comunidade, hoje e sempre, é chamada a perseverar, pois assim receberá o prêmio, a herança, que é a vida em Cristo, na Jerusalém celeste. Como elucidada Vanni (1984, p. 114),

As promessas de Cristo têm todas as raízes no presente e abrem ao mesmo tempo à Igreja a perspectiva grandiosa do futuro escatológico: comeremos o maná escondido na Eucaristia; purificados e alvejados pela conversão, receberemos de Cristo nova personalidade simbolizada pelo nome novo; participaremos da sua glória e gozaremos de sua plenitude de vida. Na penumbra da vida de cada dia, nasce a estrela luminosa da manhã.

Se a Igreja escutar e seguir, de fato, Cristo até as últimas consequências, não ficará desamparada, pois Ele é o protagonista, é o Senhor da história e a cada uma dará o prêmio. Ele

Dirige pessoalmente sua palavra, faz-se conhecer melhor, julga, estimula com suas exortações, encoraja com suas promessas, coloca em contato direto com seu Espírito que fala às igrejas. A iniciativa foi sua, o desenvolvimento é seu, sua a conclusão. Nós, sua Igreja, teremos apenas que nos abandonar a ele com todo o amor, a confiança, o empenho que ele merece e inspira. Cristo não desiludirá” (VANNI, 1984, p. 115).

Aí está a chave para não acontecer a desilusão: apenas nos abandonar com todo o amor, confiança e empenho em Cristo. Além das sete igrejas, como falamos anteriormente, a maioria das comunidades primitivas se propunham nessa direção. Aquilo que chegou até nós, mostra o quão eram perseverantes e buscavam manter acesa a fé, ainda que custasse a própria vida.

Mas cabe uma pergunta: era só naquele tempo que os cristãos viviam em dificuldades e perseguições? Veremos que não. A compressão de dificuldades e perseguições muda com a história. Se na igreja primitiva a perseguição era contra a vida e os cristãos tinham que pagar com o martírio para defender a fé, hoje, o maior martírio talvez não seja cruento, mas incruento. Um dos exemplos é o que o papa Bento XVI disse:

Na nossa época, o preço que deve ser pago pela fidelidade ao Evangelho já não é ser enforcado, afogado e esquartejado, mas muitas vezes significa ser indicado como irrelevante, ridicularizado ou ser motivo de paródia. E, contudo, a Igreja não se pode eximir do dever de proclamar Cristo e o seu Evangelho como verdade salvífica, fonte da nossa felicidade última como indivíduos, e como fundamento de uma sociedade justa e humana<sup>39</sup>.

Nesse sentido, o apocalipse se torna atual e luz para nossa vida. Nele, vimos que podemos crer em tempos de dificuldades, independente do período histórico. Isso é bem nítido nas palavras de Rossi e Perondi, (2021, p. 10), quando afirmam que o Apocalipse foi escrito também para “as comunidades de qualquer tempo; para nós, hoje, sempre que, por causa do testemunho de Jesus e da vivência da Palavra de Deus, enfrentamos hostilidades e perseguições. O Apocalipse, entendido como revelação de Jesus Cristo (1,1), é sempre atual em qualquer lugar do mundo”. Vejamos um pouco dessa dimensão neste capítulo.

### 3.1 CONSEQUÊNCIA ECLESIOLOGICA DA PERSEVERANÇA

---

<sup>39</sup> Discurso do Santo Padre Bento XVI Na Vigília de oração para a beatificação do Cardeal John Henry Newman. Hyde Park, Londres. Sábado, 18 de setembro de 2010.

Como a Palavra de Deus é essencialmente encarnada, ler um texto bíblico exige de nós perguntar quais as incidências de tal leitura para a vivência da fé comunitária e pessoal. Assim, recorrendo, primeiramente, ao livro do Apocalipse, vejamos a consequência eclesiológica da perseverança.

Em dois momentos o autor sagrado aponta para aquilo que colocamos como título deste trabalho: um chamado à perseverança dos santos. Em Apocalipse 2, 2.3 diz assim: “Conheço tua conduta tua fadiga e perseverança... És perseverante pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste”; e, em 13,10b encontramos “Aqui está a constância e a fidelidade dos santos”. Também lemos em Ap 14,12 “Aqui está a constância dos santos, daqueles que observam os mandamentos de Deus e a fidelidade a Jesus”. É interessante notar que em ambos os casos, essa perseverança dos santos é em relação a um não compactuar com a Fera (Império Romano e os imperadores) e sua estátua ou com o seu nome (Ap 13,3b-4; 14,11). Mas, não só isso, pois, este termo é muito especial em todo o Novo Testamento. Ele “significa mais que apenas suportar os sofrimentos. Perseverar é a virtude que permite às pessoas permanecerem fiéis até o fim, mesmo que os últimos dias do mundo sejam caracterizados por terríveis tribulações e angústias para os justos” (PERKINS, 2013, p. 358). Nesta mesma dimensão aponta Biguzzi (2005, p. 412), quando diz: “quanto ao *hypomone*, os componentes do termo expressam a atitude de quem é tão sutil que consegue permanecer (*-menein*, *-monē*) sob (*hypo-*) o peso das dificuldades<sup>40</sup>”.

Em todo caso, João, em seu livro, alertou e orientou o povo das igrejas que viviam sob perseguição. A perseverança era a chave. Esse aprendizado valeu para muitos e foi passado de geração em geração, vez que a Igreja não deixou de ser perseguida enquanto o Império Romano detinha poder sobre toda a região da Ásia Menor, Palestina e Europa Ocidental. E, sendo fortemente assolada, sempre perseverou.

---

<sup>40</sup> In un libro di battaglia come quello dell'Apocalisse, l'appello alla *pistis-le deltā* e alla *hypomonē*-perseveranza, è onnipresente. *Pistis* in greco significa «promessa » da mantenere e talvolta addirittura «giuramento », più che «fede» (fra l'altro, il verbo *pisteuein*-credere non ricorre mai nell'Apocalisse). Quanto in *hypomone*, le componenti del termine esprimono l'atteggiamento di chi è così fin te da saper restare (*-menein*, *-monē*) sotto (*hypo-*) il peso delle difficoltà (tradução livre).

Eusébio de Cesaréia (260/65-339 d.C.), o “pai da história eclesiástica” em seu livro “História Eclesiástica<sup>41</sup>”, escrita entre 312 a 317 d.C., traz diversos relatos de como o cristianismo primitivo sobreviveu e manteve sua fé em meio às diversas perseguições que o império impunha. No livro sexto, capítulo vigésimo nono de sua obra, ele diz:

Havendo o imperador de Roma, Alexandre, completado treze anos de reinado, sucedeu-lhe Maximino César. Este, por ódio à casa de Alexandre, constituída na maioria de fiéis, suscitou uma perseguição e mandou matar exclusivamente os chefes das Igrejas, enquanto promotores do ensino do evangelho.

E a lista dos mártires não para. Segundo ele, “fazer menção dos nomes de cada um seria longo, para não dizer impossível” (Livro: VII; Cap. XII). Neste mesmo livro e capítulo vê-se a Igreja, espalhada por todas as regiões daquela época, sendo perseguida com brutalidade e sem misericórdia:

Faz-se mister agora nomear os outros, ou enumerar a multidão dos homens, ou descrever os variados tormentos dos admiráveis mártires? Uns morriam sob os golpes do machado como sucedeu aos da Arábia; a outros quebravam-se-lhes as pernas, como aconteceu com os da Capadócia; outras vezes eram suspensos pelos pés e a cabeça para baixo, enquanto um fogo brando queimava debaixo deles, e eles eram sufocados pela fumaça produzida pela matéria inflamada, como foram mortos os da Mesopotâmia; outras vezes ainda cortavam-lhes o nariz, as orelhas e despedaçavam-lhes os outros membros e partes do corpo, como sucedeu aos de Alexandria.

Vejamos ainda outros exemplos. Sobre o que denominou de Mártires de Cesaréia, quando da perseguição de Valeriano (253-260 d.C), ele diz: “Três homens se destacaram em Cesaréia da Palestina pela confissão de Cristo e foram ornados com divino martírio, tendo-se tornado sustento das feras. Deles, o primeiro se

---

<sup>41</sup> EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. 5ª reimpressão. São Paulo, SP: Paulus, 2020.

chamava Prisco, o segundo Malco, e o terceiro tinha o nome de Alexandre” (Livro: VII; Cap. XII).

Ler tais trechos é revisitar a história de nossos antepassados, aqueles que “lavaram suas vestes e alvejaram-nas no sangue do Cordeiro” (Ap 7,14), aqueles que pelo seu sangue, foram a semente de novos cristãos, como disse Tertuliano (160-220 d.C.)<sup>42</sup>. Eles não esmoreceram e perseveraram. Portanto, olhar para o passado, é ver como a Igreja perseverou e por isso, nós hoje, somos chamados a perseverar. Visto que, da perseverança advém os frutos, é notório como desde o início do Cristianismo, a Igreja já os colheu por essa virtude. É o que ainda nos diz Eusébio de Cesaréia no Livro IX, capítulo VIII, aludindo à ação de Deus em resposta a uma perseguição romana, após um tempo de paz:

Deus, o grande e celeste aliado dos cristãos [...] em resposta aos excessos contra nós, a irradiação benevolente e brilhante de sua Providência para conosco. Entre trevas espessas, fazia maravilhosamente brilhar pacífica luz dele oriunda, e manifestava visivelmente a todos que Deus mesmo [...] manifestava-se benevolente e misericordioso para com todos os que nele põem a esperança.

Entre paz e tribulações, é preciso manter a esperança e a perseverança em Deus. Ele agirá e olhará para os seus. De fato, sabe-se que as perseguições, os insultos, as tribulações não aconteceram só na época do Império Romano. Claro que houveram tempos de paz, de trégua e de tranquilidade. Mas, ao logo desses quase dois mil anos, em diversos lugares do globo houveram, e ainda há, situações complexas para os cristãos.

Hodiernamente, inúmeras forças tentam imperar na vida dos santos, daqueles que buscam ser fiéis à Jesus. Diversos mecanismos tentam reinar e tomar o lugar de Deus na vida do povo de Deus. A sedução da Grande Prostituta continua incisiva. É necessária grande vigilância para não abrir concessões e cair em tentação; sabe-se que o diabo rodeia como um leão a rugir, procurando a quem

---

<sup>42</sup> “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos” (Tertuliano, Apologético, 50,13). Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/o-sangue-dos-martires-e-a-semente-dos-cristaos.html>. Acesso em 08 de maio, 2022.

devorar. Devemos resistir com firmeza e força na fé (cf. 1 Pd 5,8b-9a). Além disso, devemos ser o fermento da Igreja, e vivenciar a fé diariamente em todo tempo e lugar, pois de fato, como disse o Papa Francisco:

Todos os dias somos convidados a dar testemunho de nossa fé nas realidades mais cotidianas de nossas vidas. Em nossas casas com nossas famílias, no trabalho com as pessoas que passam parte do dia conosco, no trânsito com carro ou transportes públicos, nas paróquias que frequentamos etc. [...] ao longo da nossa vida passamos por diversas provações que são os nossos martírios diários. Todos eles nos ajudam a sermos verdadeiras testemunhas do amor de Deus, um amor concreto que passa também pelo martírio escondido da Cruz. Esse é o fermento da Igreja<sup>43</sup>.

A resistência, nós teremos por meio da perseverança, pois esta traz um sério compromisso com a Igreja, com o Reino de Deus e contra as injustiças. E isso, nós podemos perceber no decorrer da história em que a Igreja viveu sob inúmeras perseguições, na penumbra de diversos modos de governos e nos diversos contextos socioculturais.

Ela conseguiu isso porque soube se adaptar a cada realidade circundante, mas sempre vivendo sob o impulso do Espírito Santo, por isso cumpriu sua missão aonde estava. Como aponta Arens e Mateos (2004, p. 316), numa perspectiva de dever da Igreja para ser-no-mundo, esta “comunidade de profetas e de testemunhas, deve abrir-se para a verdade que o Espírito lhe transmite pela palavra de Deus nas cartas e transformá-la em vida. Só assim será testemunha e profeta, ou seja, cumprirá sua missão no mundo”. E sabemos que esse é o modo para que o mundo possa receber a verdade de Deus proclamada pela Igreja e obter a salvação.

A perícopes 2,1-3,22 nos dá uma noção e exemplo de como se pode superar o mal, sendo perseverante em todas as situações. Mas não só ela; a Patrística e a história da Igreja mostram como o povo de Deus viveu e superou suas crises por meio da perseverança na fé.

---

<sup>43</sup> Audiência geral do Papa Francisco proferida no dia 25 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/o-sangue-dos-martires-e-a-semente-dos-cristaos.html>. Acesso em 08 de maio, 2022.



### 3.2 PERSPECTIVAS DE ATUALIZAÇÃO: ENCORAJAMENTO E ESPERANÇA

Uma pergunta norteadora para nos encorajar a viver na esperança em tempos hodiernos é apresentada por Mesters e Orfino (2003, p. 357), quando dizem que o Apocalipse “pede que as comunidades sejam uma semente do novo céu e da nova terra que Deus quer criar. Como deve ser a vida nova de uma nova comunidade cristã para ela ser hoje semente do novo céu e da nova terra que preserva e defende a vida de todos sob todos os seus aspectos?”.

De imediato, as comunidades devem ser corajosas, esperançosas e perseverantes no ensinamento do Cordeiro. Contudo, a esta pergunta e ao olhar todo o caminho feito até aqui, é bom nos debruçarmos com terna atenção sobre esta interpelação. Nota-se que o olhar apocalíptico serve para abrir uma perspectiva de esperança, que nos dá força para perseverar no seguimento de Jesus, o Cordeiro de Deus, em todos os tempos.

Diante disso, Biguzzi (2005, p. 52), nos traz três exemplos da atualidade do apocalipse que ilumina a práxis cristã em nosso mundo:

Quanto a nós, como as Igrejas da Ásia, em primeiro lugar nossa geração cristã se depara com a alternativa entre coerência e compromisso, entre resistência e entrega, em termos mais sutis, entre radicalidade das necessidades evangélicas e diálogo, com sensibilidade ambiental. Em segundo lugar, o Apocalipse é atual porque nos ensina a iluminar os dramas do presente com a tensão escatológica, com a luz e a esperança que vêm do futuro. Em terceiro lugar, a história das influências do Apocalipse diz que é um ‘Evangelho eterno’ (Ap 14,6) capaz de alimentar as utopias, batalhas e revoluções daqueles que em todos os tempos, dentro e fora da Igreja, sonha de um mundo menos servidor e menos injusto<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> *Quanto a noi, come le Chiese d'Asia, anzitutto anche la nostra generazione cristiana è posta di fronte all'alternativa tra coerenza e compromesso, tra resistenza e resa, in termini più sfumati, tra radicalità delle esigenze evangeliche e dialogo con la sensibilità ambientale. In secondo luogo, l'Apocalisse è attuale perché insegna a illuminare i drammi del presente con la tensione escatologica, con la luce e la speranza che vengono dal futuro. In terzo luogo, infila storia degli influssi dell'Apocalisse dice che essa è un «Evangelo eterno» (Ap 14,6) capace di alimentare le utopie, le battaglie e le rivoluzioni di chi in ogni tempo, dentro e fuori dalla Chiesa, sogna un mondo meno servo e meno ingiusto (tradução livre).*

Impulsionados por estas palavras, vemos que o Apocalipse mostra o caminho para a vida de perseverança na fé, com coragem e esperança, mesmo com as perseguições. De fato, este livro é a “grande epopeia da esperança cristã, o canto de triunfo da Igreja perseguida”<sup>45</sup>. E a Igreja não somente foi, mas ainda continua sendo perseguida.

Em algumas regiões do mundo, é risco de morte falar aberta e explicitamente que é cristão. Mas, em nosso país (Brasil) não é assim. Contudo, há outras perseguições e martírios. Os impérios continuam oprimindo e querendo ditar a vida do povo, os poderosos insistem na exploração dos mais desvalidos. Por isso, este livro se torna sempre atual e vivo. No viés de Rossi e Perondi, (2021, p. 6),

As comunidades resistem, e muitos irmãos e irmãs nossos pagam com o martírio da própria vida por causa da sua fidelidade ao Reino de Deus e sua fé no testemunho de Jesus Cristo. Então a profecia do Apocalipse e sua mensagem podem ser atualizadas para a realidade de hoje e servir para animar e trazer esperança para as comunidades cristãs que resistem e perseveram diante das crises e dificuldades.

Assim como Jesus passou pela perseguição e cruz, mas venceu e está vivo, também as comunidades devem perseverar, pois, mesmo perseguidas, vencerão. Aos perseverantes, vencedores, fiéis, esta será a herança: “Deus vai morar junto deles. Eles serão o seu povo, e o próprio Deus será o seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos. A morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas anteriores passaram. Eu serei seu Deus, e ele será meu filho” (cf. Ap 21,3-4.7b).

Dessa forma, o Apocalipse é “uma revelação que nos convida decisivamente a esperar, a confiar, a viver o cristianismo com todas as nossas forças e recursos”<sup>46</sup> (VANNI, 2009, p. 10) e, é claro, que também é uma revelação que nos impulsiona e encoraja a viver a perseverança independentemente de todas as intempéries e

---

<sup>45</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. Introdução ao Apocalipse, 2015, p. 2141.

<sup>46</sup> *Una rivelazione che decisamente ci invita a sperare, ad avere fiducia, a vivere il cristianesimo con tutte le nostre forze e risorse* (tradução livre).

complexidades com que as pessoas (os santos) se encontrem. Para que esta perseverança seja autêntica e firme, é necessário acima de tudo, que as Igrejas, todo o povo de Deus, tenham a capacidade de ouvir o que o Espírito diz. De acordo com Vanni (2009, p. 49), “é o Espírito que ajudará a Igreja a ler o seu ‘estar nas veias da história’; assim poderá colaborar na vitória de Cristo, vencer junto com Cristo”<sup>47</sup>.

Ouvir o que o Espírito diz! Essa foi, e continua sendo, a vontade de Jesus, tanto para aquelas igrejas do Apocalipse, bem como para nós hoje, Igreja de Cristo. Ele quer nossa salvação, pois nos ama incondicionalmente. Então,

Por uma necessidade irreprimível de seu amor, Jesus quer o melhor de cada um, o melhor caminho para alcançar a plena reciprocidade. Acolhendo e respondendo a este chamado de amor, cada comunidade, renovada, mostra-se capaz de escutar o Espírito e, ao mesmo tempo, capaz tanto de interpretar adequadamente a mensagem que lhe foi dirigida, como de colaborar ativamente na vitória de Jesus Cristo sobre o mal”<sup>48</sup> (VANNI, 2018, p. 101-102).

Essa colaboração de cada cristão, de cada comunidade, ajuda na vivência da fé em todo o tempo e lugar. É uma colaboração de dar ouvidos à Deus, o Senhor da história, de querer corresponder aos seus desígnios. Dessa maneira, os cristãos conseguirão ver que “o Apocalipse é como um espelho, onde o povo descobre a que altura está a caminhada. A escuridão da perseguição se ilumina por dentro, o véu vai caindo, as comunidades se situam e a face de Deus reaparece de novo na história do povo” (MESTERS e ORFINO, 2003, p. 63). É aí que este povo vê e se convence que a caminhada está de acordo com os planos de Deus, já que sabem que é Ele quem conduz a história.

Logo, é importante seguir em frente com firmeza. Todo o povo, as comunidades “mantêm a cabeça erguida, não se desumanizam e continuam irradiando esperança, fé e amor!” (MESTERS e ORFINO, 2003, p. 63). Como isso

---

<sup>47</sup> *È lo Spirito che aiuterà la Chiesa a leggere il suo «essere nelle vene della storia»; così essa potrà collaborare alla vittoria di Cristo, vincere insieme a Cristo* (tradução livre).

<sup>48</sup> *Per un'esigenza incontentibile del suo amore, Gesù vuole da ciascuna il meglio, la forma ottimale per arrivare alla piena reciprocità. Accogliendo e rispondendo a questo appello di amore, ciascuna comunità, rinnovata, appare capace di ascoltare lo Spirito e, nello stesso* (tradução livre).

acontece? Pela perseverança. Com ela, os santos continuam a dar sentido à vida e a caminhar para a vida eterna.

Estes santos, cristãos, comunidade, filhos amados de Deus, os que possuem a vocação do alto e insistem em ser testemunhas fiéis, almejando a vitória, sabem que não devem compactuar com os males e seduções do mundo; mas, arriscar tudo, até mesmo a vida. Portanto, não haja preocupações com os que matam o corpo (cf. Mt 10,28a), pois o perigo é a segunda morte e o perseverante, “o vencedor de modo algum será lesado pela segunda morte” (Ap 2,11b). É aí que esta “a força e a fraqueza de uma Igreja tentada pelas soluções fáceis, nas quais, por medo ou conveniência se enfraquece a fidelidade. Em épocas de perseguição ou assédio, a fidelidade e a resistência determinam a identidade da testemunha” (ARENS e MATEOS, 2004, p. 170).

A fidelidade e a identidade dos cristãos são chanceladas pela perseverança. Com ela o cristão muda a realidade que o circunda, a começar por si. É por isso que

O ritmo grandioso do Apocalipse deve nos fazer resistir ao tipo de pessimismo que olha para a enormidade do mal no mundo e decide que qualquer esforço para mudar as coisas seria perda de tempo. Tal julgamento é falso, porque os cristãos não devem medir o que é verdadeiro ou falso pelas estatísticas. Tal julgamento é arrogante porque Deus é o único que pode determinar ‘o que vale a pena’. Tal julgamento é demoníaco porque só contribui para o domínio que o mal e o pessimismo têm sobre os seres humanos” (PERKINS, 2013, p. 358).

A perseverança faz com que os cristãos resistam ao pessimismo e não esmoreçam, mesmo com as inúmeras aflições e dificuldades. Ela é a chave para a participação da glória de Cristo, da sua realeza, mesmo que geralmente as pessoas vejam essa dimensão, de acordo com Perkins (2013, p. 360), “como algo que partilharão com Jesus só no futuro. Entretanto, João tem em mira mais que isso. Ele já revelou que Jesus é o príncipe dos reis da terra. Portanto, pode falar do cristão que suporta os sofrimentos dos últimos dias como já participante dessa realeza”.

Esta participação exige que aqueles que têm vocação de vitoriosos e de testemunhas, não compactuem com o mundo, antes, manternham-se dispostos a tudo arriscar, mesmo a vida. Devem suportar, sabendo que este verbo aponta para

uma realidade que, segundo o Papa Francisco<sup>49</sup>, “é mais do que ter paciência, é carregar nas costas, carregar o peso das tribulações. Também a vida do cristão tem momentos assim. Mas Jesus diz-nos: ‘Tende coragem nesse momento. Eu venci, também vós sereis vencedores’. Esta primeira palavra ilumina-nos para enfrentar os momentos mais difíceis da vida, aqueles momentos que nos fazem sofrer”.

Perante toda essa reflexão, de crer em tempos de dificuldades, podemos concluir de acordo com as palavras que Jesus Cristo deixou como imperativo e promessa: “O justo continue praticando a justiça e o santo santifique-se ainda mais. Eis que venho em breve, trazendo comigo a recompensa, para retribuir a cada um segundo as suas obras” (cf. Ap 21,11b-12). A promessa de recompensa é dada. Cabe a cada um, a cada comunidade, ter atenção e viver a perseverança na fé com coragem e esperança. Assim, um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1) estará diante de nossos olhos.

---

<sup>49</sup> Papa Francisco. Santa Marta, 5 de maio de 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar essa temática, tão importante para a Igreja de todos os tempos, foi de grande aprendizado, uma vez que, estudar o livro do Apocalipse é adentrar num universo encantador e belíssimo. Este é o livro que encerra a Escritura e coroa o Evangelho Eterno (Ap 14,6), mostrando o cumprimento do plano de salvação de Deus, anunciado desde o Antigo Testamento.

O aprendizado deste trabalho vem das inúmeras leituras que permitem melhor apreciar este livro, sabendo a qual gênero literário pertence, quem foi o autor e quando foi composto. Permite olhar a complexidade dos símbolos, a etimologia do conceito-chave desta pesquisa (perseverança – “*epimone*” - επιμονή), e as situações histórico-geográficas daquela realidade.

Pudemos também, nos debruçar no texto da perícope, esmiuçando - a partir de elementos exegéticos - alguns termos e vislumbrar o sentido de crer e perseverar em tempos de dificuldades, sejam períodos de outrora, atuais ou vindouros. Vimos um pouco da história daqueles que nos precederam na fé. E, não obstante só um estudo do passado ou uma análise recortada de um breve período, olhamos o caminhar da Igreja peregrina, que perseverou e hoje continuar a perseverar. Para isso, nos preparamos, utilizando chaves de leitura para evitar anacronismos e análises fundamentalistas. De fato,

Para lidar com a história é preciso uma formação adequada e uma preparação cuidadosa. Lemos o presente, com seus problemas, hipotetizamos algumas respostas, então, antes de passar à implementação concreta, olhamos para o futuro, para ver o ponto final de nossa ação de resistir ao mal e enxertar o bem<sup>50</sup> (VANNI, 2009, p. 23).

Com essas reflexões, observamos claramente que no Apocalipse de São João, a partir da perícope 2,1-3,22, há um chamado à perseverança dos santos, ou seja, dos cristãos, dessas sete igrejas à vida de fé em Cristo Jesus. Ele que tem as

---

<sup>50</sup> *Per occuparsi della storia occorre un adeguato tirocinio e un'attenta preparazione. Si legge quella presente, con i suoi problemi, si ipotizzano alcune risposte, poi, prima di passare all'attuazione concreta, si guarda al futuro, per scorgere il punto finale della nostra azione di resistenza al male e di innesto del bene* (tradução livre).

chaves da vida e da morte e por isso, dará a cada perseverante o prêmio que lhe cabe.

Nesse sentido, a reflexão construída nestas páginas quis impulsionar a todos os que vivem nas tribulações hodiernas - de acordo com as suas próprias particularidades -, a perseverar e a ver o Apocalipse como o livro da esperança cristã, pois ele

Não é um livro que almeja assustar os cristãos para que sejam bons. É um livro para encorajá-los em face da forma mais terrível que o mal pode adotar: quando assume a aparência exterior do poder imperial, divino; quando a força da opinião local também está por trás dele; quando até mesmo alguns líderes religiosos estão alinhados contra os poucos que querem resistir. Contudo, é essa minoria de fiéis que compartilha a vitória que a morte de Cristo conquistou sobre o mal (PERKINS, 2013, p. 358).

Com isso, vimos que independentemente do número de fiéis, da incisiva perseguição, das tribulações e dos martírios, o cristão é chamado a perseverar com coragem e esperança. Uma vez que aquelas primeiras comunidades perseveraram, as outras que vieram após, em diversos períodos, também; todas se mantiveram na constância, na persistência, na firmeza, como vimos no corpo deste trabalho.

Então, o chamado à perseverança é visivelmente acentuado no livro do Apocalipse e, também, para cada um de nós em tempos hodiernos, é vivo e atual. Viver cristãmente, com perseverança, é desafiador; ainda mais, em um mundo marcado pelo secularismo, relativismo, hedonismo exacerbado, imediatismo, pelo descartável das relações, pelas tragédias, crise e ridicularização da fé, pela opressão e perseguição, injustiças e leituras fundamentalistas da Bíblia.

Neste sentido, o Apocalipse é, ou pode ser um alento, um bálsamo, um sinal daquele novo céu e daquela nova terra (cf. Ap 21,1), no qual reinarão a paz, a justiça, o amor, a fraternidade. É com essa *ýpomonín* “nen” (*ύπομονήν*) que o Apocalipse de São João, à luz do setenário das sete igrejas (cartas), chama os santos, os filhos de Deus, os que estão ou passaram nas tribulações, a viverem a fé no Cordeiro, o Vivente, o Amém.

## REFERÊNCIAS

ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. **O apocalipse: a força da esperança.** Estudo, leitura e comentário. Tradução: Mário Gonçalves. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

BENTO XVI. **Discurso do Santo Padre Bento XVI na Vigília de oração para a beatificação do Cardeal John Henry Newman.** Hyde Park, Londres. Sábado, 18 de Setembro de 2010. Viagem Apostólica Do Papa Bento XVI Ao Reino Unido (16-19 De Setembro De 2010). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20100918\\_veglia-card-newman.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20100918_veglia-card-newman.html). Acesso em 10 de maio de 2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1ª edição. 10ª reimpressão. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

BIGUZZI, Giancarlo. *Apocalisse: nuova versione, introduzione e commento di Giancarlo Biguzzi.* Milano: Paoline, 2005.

COLLINS, Adela Yarbro. **Apocalipse.** In. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E.. Novo Comentário Bíblico São Jeronimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos / São Jeronimo; tradução: Celso Eronides Fernandes. São Paulo, SP: Academia Cristã e Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. *The book of Revelation.* In.: *The Encyclopedia of apocalypticism: The origins of Apocalypticism in Judaism and Christianity.* Edited by: Jonh J. Collins. The Continuum Publishing Company. New York, 1999.

CORSINI, Eugênio. **O Apocalipse de São João.** 2ª ed. Tradução: Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo, SP: Paulinas, 1984.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica.** 5ª reimpressão. São Paulo, SP: Paulus, 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** 8 ed. Curitiba, PR: Positivo, 2010.

FRANCISCO, Papa. **Reflexão sobre o Evangelho do dia na Santa Marta, proferida em 5 de maio de 2015.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/palavra-do-dia/2022/05/30.html>. Acesso em 30 de maio de 2022.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral do Papa Francisco proferida no dia 25 de setembro de 2019.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/o-sangue-dos-martires-e-a-semente-dos-cristaos.html>. Acesso em 08 de maio, 2022.

HARRINGTON, Wilfrid Jonh. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização.** Tradução: Josué Xavier; Alexandre Macintyre. São Paulo, SP: Paulus, 1985.



KONNIGNS, Johan. **A Bíblia: sua origem e sua leitura** – Introdução ao estudo da Bíblia. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LANCELLOTTI, Angelo. **Apocalisse**. 3ª ed. Roma: Paoline, 1975.

MESTERS, Carlos; ORFINO Francisco. **Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PERKINS, PHEME. **Comentário Bíblico III: Evangelho, Cartas e Apocalipse**. Org. Dianne Bergant, CSA e Robert J. Karris, OFM. Tradução: Barbara Theoto Lambert.. 8ª edição. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2013.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PERONDI, Ildo. **Apocalipse: a força da resistência dos pobres**. 1ª edição. São Paulo, SP: Paulus, 2021.

TERTULIANO. **Apologético**. Disponível em: <  
<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/o-sangue-dos-martires-e-a-semente-dos-cristaos.html>>. Acessado em 80 de maio, 2022.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos joaninos e cartas católicas**. Tradução: Alceu Luiz Orso. São Paulo, SP: Ave-Maria, 1999.

VANNI, Hugo. **Apocalipse: uma assembleia litúrgica interpreta a história**. Tradução: Pier L. Cabra. São Paulo, SP: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. **Apocalisse, libro dela Rivelazione: esegesi bíblico-teologica e implicazioni pastorali**. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2009.

\_\_\_\_\_. **Apocalisse di Giovanni. Introduzione generale e commento**. 2º vol. Assisi: Editrice Cittadella, 2018.